

CONTOS DE INVESTIGAÇÃO DE EDGAR ALLAN POE

ORGANIZAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Joyce Cristhiane Valenciano

Maiky de Oliveira Santos

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

Sandra Heloísa Nunes Messias



© Renato Massaharu Hassunuma

Conselho Editorial

BIOMÉDICA ESP. AMANDA CRISTINA MOÇO

Especialista em Inovações Diagnósticas e Terapêuticas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Botucatu

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSOM

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Páginas 1, 3, 7, 16, 38, 63, 83, 97 e 111

Fonte: Cottonbro Studio. Crime scene in front of the house at night. 2021 Dec 07 [acesso 20 fev 2026].

Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/crime-scene-in-front-of-the-house-at-night-10481299/>. Figura registrada como: Public domain. Free to use. Attribution is not required.

Páginas 19, 21-8, 34, 42-6, 48, 50, 52-3, 55-6, 58-62, 68, 75, 77, 79, 81, 96, 106

Fonte: Caleb N. More old paper 3 - back [Internet]. Sem data [Acesso 21 fev 2026]. Disponível em:

<https://www.publicdomainpictures.net/en/view-image.php?image=110803&picture=more-old-paper-3-back>.

Figura registrada como: *CC0 Public Domain*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P743c Poe, Edgar Allan, 1809-1849

1.ed. Contos de investigação de Edgar Allan Poe [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; organizadores: Renato Massaharu Hassunuma... [et al.] – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2026.

PDF

Outros organizadores: Joyce Cristhiane Valenciano, Malky de Oliveira Santos, Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini, Sandra Heloísa Nunes Messias.

ISBN 978-85-7917-718-7

1. Contos norte-americanos. I. Hassunuma, Renato Massaharu. II. Valenciano, Joyce Cristhiane. III. Santos, Maiky de Oliveira. IV. Garcia-Bonichini, Patrícia Carvalho. V. Messias, Sandra Heloísa Nunes.

08-2026/84

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

CONTOS DE INVESTIGAÇÃO DE EDGAR ALLAN POE

ORGANIZAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

*Professor Titular do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Joyce Cristhiane Valenciano

*Aluna do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Maiky de Oliveira Santos

*Aluno do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

*Coordenadora Auxiliar do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista – UNIP
Campus Bauru*

Sandra Heloísa Nunes Messias

*Coordenadora Geral do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista – UNIP*

1ª Edição / 2026

Bauru, SP



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a **Biomédica Esp. Amanda Cristina Moço** e o **Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva**, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradecemos o apoio da Universidade Paulista – UNIP, por meio da Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP na publicação desta obra.

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

Joyce Cristhiane Valenciano

Maiky de Oliveira Santos

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

Sandra Heloísa Nunes Messias

APRESENTAÇÃO

Contos de investigação de Edgar Allan Poe apresenta adaptações das seguintes obras: “O homem da multidão” (1840), “Assassinatos da Rua Morgue” (1841), “O mistério de Marie Rogét” (1842), “O escaravelho de ouro” (1843), “A carta roubada” (1844) e “Tu és o homem” (1844).

Esta coletânea faz parte do **Projeto Edgar Allan Poe para Jovens Leitores**, que possui como proposta adaptar contos do autor em uma linguagem simples e atualizada para leitores iniciantes. Conheça o perfil deste projeto e outras obras adaptadas no Instagram @epjleitores.

Este *e-book* integra as atividades propostas no Projeto de Iniciação Científica intitulado “**A Criminalística no século XIX: contos de Edgar Allan Poe como registros históricos**”, dos alunos Joyce Cristhiane Valenciano e Maiky de Oliveira Santos do Curso de Biomedicina da UNIP/Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma.

Este livro também é mais uma produção científica do **GP15 – Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

Esta publicação teve o apoio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, sendo parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado “**A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos**”, de autoria do Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma.

SUMÁRIO

O homem da multidão (1840)	07
Assassinatos da Rua Morgue (1841)	16
O mistério de Marie Rogét (1842)	38
O escaravelho de ouro (1843)	63
A carta roubada (1844)	83
Tu és o homem (1844)	97

O HOMEM DA MULTIDÃO



O HOMEM DA MULTIDÃO

Existem livros que não deveriam ser lidos. Existem segredos que não deveriam ser contados. Todas as noites, pessoas guardam para si segredos dolorosos. Segredos que desesperam seus corações e sufocam suas gargantas. Algumas pessoas guardam segredos que serão levados para sepultura. Assim, existem crimes que nunca serão desvendados. E criminosos que nunca serão descobertos.

Este relato começa há um tempo atrás, em uma noite de outono. Eu estava sentado próximo a uma grande janela em forma de arco. A janela ficava em uma cafeteria em Londres. Eu ainda me recuperava de uma doença. Meu humor não estava dos melhores.

Mas poder respirar sem dor, já era um prazer para mim. Passei a maior parte da tarde fumando um charuto na boca. Enquanto isso, lia um jornal. Em alguns momentos, eu lia os anúncios. Em outros, eu observava, pela janela, as pessoas andando na rua.

A rua em frente à cafeteria era uma das principais da cidade. Durante o dia, a aglomeração era enorme. Aumentava ainda mais ao final do dia. Naquele horário, as cabeças humanas formavam um mar ondulante. Me emocionava poder contemplar aquela cena sem fim. Olhava as pessoas andando pela rua. Tentava imaginar se algumas delas se conheciam. Reparava em seus corpos, roupas, jeitos, rostos...

De longe, a maioria das pessoas pareciam manter um ar imponente. Andavam correndo, abrindo espaço em meio à multidão. Eles franziam suas sobancelhas quando eram empurrados. Também reviravam os olhos. Paravam por um segundo para arrumar suas roupas. E então continuavam a andar pela rua.

A maioria das pessoas tinha um olhar mais humilde, um andar inquieto e rostos corados. Conversavam e gesticulavam para si mesmos. Mas eram solitários em meio à multidão. Às vezes a rua ficava tão lotada que ninguém conseguia andar. Elas paravam de murmurar repentinamente e começavam a gesticular. Aguardavam que as pessoas andassem, sem nenhum sorriso no rosto. Quando eram empurrados, eles baixavam suas cabeças. Pareciam ser dominados pela confusão.

Não havia nada de muito diferente entre as pessoas que eu observava. Suas roupas eram decentes. Passavam nobres, comerciantes, advogados e outras pessoas comuns. Essas pessoas não chamavam muito a minha atenção. Também passavam escrivães. Estes eram divididos em dois subgrupos visivelmente diferentes. Os iniciantes eram jovens que usavam casacos apertados, botas brilhantes, cabelos ajeitados com postura de nobreza. Os mais experientes usavam roupas mais largas, de cores escuras, geralmente pretas ou marrons.

Os escrivães mais experientes ainda vestiam coletes brancos e calçavam sapatos de bico largo, cobertas por polainas grossas. Suas roupas eram feitas sob medida. Eram pessoas robustas que gostavam de usar roupas confortáveis. Geralmente eram homens calvos com orelhas protuberantes, onde apoiavam canetas que ficavam de pé em uma posição estranha. Tinham mania de tirar ou ajeitar seus chapéus com as duas mãos e ostentavam relógios antigos dourados.

Já os batedores de carteira tinham um visual arrojado. Eles se infestavam por toda a cidade. Tentavam se disfarçar entre a nobreza. Mas o volume de suas pulseiras e o ar de franqueza os denunciavam.

Os viciados em jogos eram facilmente reconhecíveis. Usavam uma variedade de roupas: coletes de veludo com grandes decotes, correntes douradas e botões trabalhados. Podiam ser reconhecidos por sua franqueza no olhar. Também pela sua palidez e lábios apertados. Ainda havia duas outras características típicas: o tom baixo de sua conversa e o movimento extenso de seus polegares. Eram cavalheiros que viviam de sua astúcia no jogo. Geralmente se mostravam como cavalheiros com longas madeixas e amplos sorrisos ou como militares com casacos pesados e testas franzidas.

E havia ainda uma classe mais humilde de pessoas. Eram personagens mais sombrios e profundos: comerciantes com olhar de gavião de falsa humildade; pedintes robustos que intimidavam mendigos mais fracos; inválidos debilitados, suplicantes, cambaleando em meio à multidão. Alguns buscavam consolo, enquanto outros já tinham perdido a esperança. Havia moças pobres e desanimadas voltando depois do trabalho; mulheres de todos os tipos de beleza e de todas as idades; doentes com hanseníase perdidos em trapos; idosas cobertas de joias e maquiagem, tentando parecer jovens; uma jovem imatura acostumada às terríveis situações de seu ofício; bêbados imundos com roupas remendadas, cambaleantes, com uma fala mole, olhos sem brilho e rosto avermelhado; e pessoas com roupas velhas bem escovadas que um dia foram caras.

Ao lado deles, havia carregadores, carvoeiros, varredoras, tocadores de realejo, adestradores de macacos, cantores, artesãos e trabalhadores exaustos de todos os tipos. Todos cheios de uma vivacidade barulhenta que se chocava com o incômodo para os olhos.

De repente, começou a escurecer. Tudo ficou escuro e esplêndido. A luz das lâmpadas a gás, fracas ao entardecer, agora eram evidentes. Com um forte brilho iluminavam toda a rua. As luzes iluminavam os rostos de forma individual. Quanto mais escurecia, mais me interessava observar as pessoas. A multidão que passava pela janela mudava. Os rostos suaves saíam de cena. Agora, era a vez dos semblantes mais duros. As pessoas passavam com rapidez pela janela. Eu não conseguia observá-los mais de uma vez. Mas ainda assim eu podia ler seus rostos naquele breve intervalo.

Fiquei por um bom tempo. Olhava a multidão com meu rosto apoiado no vidro da janela. De repente, um homem me chamou a atenção em meio à multidão. Ele me olhava com uma expressão de estranheza. Eu nunca tinha visto antes um olhar como aquele. Um olhar que misturava inteligência, cautela, miséria, avareza, frieza, malícia, sede de sangue, triunfo, terror e desespero. Tive uma sensação de atração, medo e fascínio. Qual seria a história por trás daquele olhar?

Eu sentia uma curiosidade incontrolável de saber mais sobre ele. Vesti meu sobretudo, peguei meu chapéu e minha bengala. Sai correndo pela rua, na direção dele, empurrando as pessoas. Ele já havia desaparecido. Mas não desisti.

Algun tempo depois o encontrei. Segui o homem cautelosamente, para não chamar a sua atenção. Tive oportunidade de examiná-lo melhor. Era baixo, magro e aparentemente muito fraco. Suas roupas pareciam sujas e esfarrapadas. Então, ele se aproximou da luz. Percebi que seu linho sujo tinha uma bela textura. Parecia ser um casaco de segunda mão. Observei que ele carregava algo. Parecia ser um diamante ou um punhal. Isso me deixou curioso.

Continuei seguindo o estranho. Agora já era noite. Uma forte neblina cobria toda a cidade. Tive a impressão que a madrugada terminaria em uma chuva forte. Essa mudança de clima também mudou a multidão. Agora todos se escondiam atrás de um mar de guarda-chuvas. Havia mais correria, mais barulho e mais empurrões.

Começou a chover e eu ainda estava me curando de uma febre, mas eu não me importava. A umidade deixou tudo perigosamente agradável. Amarrei um lenço cobrindo minha boca. Continuei seguindo o homem. Ele caminhou por meia hora. Caminhava com certa dificuldade. Às vezes eu chegava perto dele, com medo de perdê-lo de vista. Ele não virou a cabeça para olhar para trás nenhuma vez. Ele não percebeu que eu estava o seguindo.

Em certo momento, ele seguiu para uma rua mais tranquila. Percebi uma mudança em seu comportamento. Agora ele andava mais devagar e mais hesitante. Atravessou a rua de um lado para o outro sem motivo aparente. Ainda havia muita gente andando pelas ruas. Às vezes, eu precisava segui-lo mais de perto. Ele manteve seu percurso naquela rua por quase uma hora. Aos poucos, o número de pessoas que caminhavam pela rua diminuía.

Chegamos então à uma praça alegre e muito iluminada. O jeito estranho do homem caminhar reapareceu. Ele abaixou sua cabeça. Seus olhos se moviam rapidamente, observando tudo ao redor. Ele prosseguiu em seu caminho com passos firmes e seguros.

De repente, ele terminou a volta ao redor na praça. Então se virou e refez o caminho. Estranhei o fato de ele repetir o mesmo caminho várias vezes. Houve um momento que ele quase percebeu minha presença.

Passou uma hora. Ele parecia fazer um exercício de caminhada. Agora, a praça já estava bem mais vazia. De repente, uma chuva caiu e o tempo esfriou. As pessoas saiam correndo para suas casas. Com um andar impaciente, o homem seguiu para uma rua deserta. Ele saiu correndo de forma tão jovial. Foi difícil de alcançá-lo.

Chegamos então a uma grande e movimentada feira. O homem parecia ser bem conhecido por todos. Ele caminhava novamente daquele jeito estranho. Com seu andar estranho em meio a compradores e vendedores. Ficou lá por uma hora e meia. Foi preciso muita cautela para que ele não me visse. Em nenhum momento ele percebeu que eu o observava. Ele entrava nas lojas, mas não comprava nada. Não falava nenhuma palavra. Olhava para todos os objetos de forma desinteressada. Eu continuava completamente curioso com o seu comportamento. Estava decidido a não me separar dele até que estivesse satisfeito.

Um grande relógio anunciou que já eram onze horas da noite. Os comerciantes fechavam as lojas. Um deles, ao fechar seu estabelecimento, o empurrou sem querer. Naquele instante, vi o homem estremecer.

O homem correu para a rua. Olhou ansiosamente ao seu redor por um instante. Em seguida, correu com uma incrível rapidez. Seguiu por várias ruas tortuosas e vazias. Chegamos na mesma rua onde havíamos começado: a rua do Hotel D. O local era o mesmo, porém com outro aspecto. Ainda era iluminada por lâmpadas a gás. A chuva caía ferozmente e havia poucas pessoas na rua.

O homem estava pálido. Caminhou livremente pela avenida, que antes estava lotada. Depois de um tempo, suspirando, seguiu em direção ao rio. Cruzou uma grande variedade de caminhos tortuosos. Por fim, chegamos em um local próximo aos principais teatros.

O teatro estava fechado. Mas, ainda assim, o público se aglomerava em frente às suas portas. Vi o velho suspirando antes de entrar na multidão. Percebi que a agonia em seu semblante havia sumido. Abaixou a cabeça e ele apareceu como eu o tinha visto no início. Ele seguia novamente em direção à outra multidão.

Eu não conseguia compreender as suas ações. À medida que ele caminhava, menos pessoas estavam na rua. Seu andar estranho e hesitante retornava.

Durante algum tempo, ele parecia seguir de perto um grupo de uns dez ou doze torrefadores, que aos poucos se separavam até que ficaram um trio em uma rua estreita, sombria e vazia.

O homem parou. Por um momento, ele parecia perdido em seus pensamentos. Depois, seguimos rapidamente por um caminho até o fim da cidade. Era uma região bem diferente das ruas por onde passamos. Aquele era o bairro mais barulhento de Londres, uma região pobre, onde os crimes ocorriam por desespero.

Luzes fracas, cortiços altos e antigos de madeira roída por larvas, pedras no chão colocadas aleatoriamente, grama crescendo para fora do canteiro e sujeira horrível nas calhas entupidas. Aquela atmosfera expressava desolação. À medida que caminhávamos, ouvíamos novamente sons de vida humana. Uma população londrina bêbada, cambaleando. O homem tremia, como a luz de uma lâmpada perto de queimar.

Mais uma vez, ele seguiu em frente. De repente, ao virar em uma esquina, vi um forte clarão. Ali estava um dos enormes templos suburbanos da gula. Era um dos palácios do demônio Gin.

O dia já ia amanhecer. Vários bêbados que entravam e saíam do local. Com um grito de alegria, o homem entrou no local. Retomou sua postura e seguiu em meio à multidão. Saiu daquele lugar antes que o estabelecimento fechasse. Seu semblante parecia desesperado. Caminhou energicamente, refazendo seus passos de uma só vez. Seguiu até o coração poderoso de Londres.

Eu acompanhava toda sua fuga. O sol se levantou, enquanto prosseguíamos. Chegamos mais uma vez no mercado mais populoso da cidade. Este mercado ficava na rua do Hotel D. O local parecia menos agitado e mais vazio que na noite anterior. Persisti seguindo o estranho. Enquanto isso, a aglomeração aumentava de novo. Como de costume, ele ziguezagueava de um lado para o outro. O sol ficava mais forte. Ficava mais difícil passar por tantas pessoas que transitavam. As sombras da segunda noite se aproximavam. Eu já estava exausto.

Parei na frente do andarilho, olhei-o firmemente em seu rosto. Ele não me notou, e retomou sua caminhada solene. Enquanto isso, eu desistia de segui-lo. Fiquei ali, em frente à cafeteria, estupefato em contemplação.

Aquele era um gênio do crime. Não adianta mais segui-lo. Ele nunca fica sozinho. Este é mais um dos segredos da vida que nunca será desvendado: o mistério do homem da multidão.

FIM

ASSASSINATOS

DA RUA MORGUE



ASSASSINATOS

DA RUA MORGUE

É difícil avaliar a capacidade investigativa de uma pessoa. Para aqueles que possuem essa capacidade desenvolvida, a dedução e resolução de enigmas é uma atividade prazerosa. São pessoas que possuem um nível de perspicácia e intuição fora do normal.

A capacidade de investigação, dedução e intuição são habilidades frequentemente encontradas e desenvolvidas em jogadores de xadrez e cartas, em que eles aprendem a analisar uma situação e também a desvendar os pensamentos de seu oponente. Mas esse livro não é um compêndio sobre esse assunto. Isso que acabo de escrever foi apenas um prefácio para o que vem a seguir.

Conheci o meu amigo Auguste Dupin no início do século dezessete, enquanto eu morava em Paris. Ele era um jovem cavalheiro de uma família ilustre, mas, por uma sucessão de acontecimentos desagradáveis, sucumbiu à pobreza. Por cortesia de seus credores, ainda possuía algum patrimônio, e com os rendimentos deles possuía o necessário para sobreviver, sem se preocupar com supérfluos. Seus únicos luxos eram seus livros.

Foi em uma biblioteca escondida na Rue Montmartre que nos encontramos pela primeira vez. Coincidentemente procurávamos o mesmo livro. Nos encontramos ali, por destino, mais algumas vezes. Me surpreendia com a quantidade de livros lidos por ele.

Até que um dia, percebi que sua companhia se tornava inestimável. Fiquei muito interessado com a franqueza com que me contava a história da sua vida e de sua família. Decidimos então morar juntos, enquanto eu permanecesse na cidade, em uma antiga mansão no bairro histórico de Faubourg St. Germain.

A rotina de nossas vidas era uma loucura! Vivíamos num completo isolamento social. Não recebíamos visitas. Ficávamos escondidos de todos. Dupin ficou por anos sem conhecer alguém e sem ser reconhecido em Paris.

Eu acompanhava meu amigo nessa vida noturna. Quando amanhecia, nós fechávamos as cortinas e acendíamos velas, fingindo para nós mesmos ainda ser noite. Passávamos horas lendo, escrevendo e conversando, até que anoitecesse novamente. Então, saíamos pelas ruas de Paris, conversando e perambulando durante toda a madrugada. Em um dia desses, líamos um artigo da edição vespertina do Diário da Justiça que nos chamou muita atenção:

Assassinatos Extraordinários

Hoje, às três horas da madrugada, moradores do bairro de Saint-Roch foram acordados por gritos que vinham do quarto andar de uma casa na Rua Morgue, que pertencia à Sra. L'Espanaye e sua filha, Camille L'Espanaye. Após várias tentativas de chamar as moradoras, a porta foi arrombada e aproximadamente nove vizinhos entraram, acompanhados de dois policiais. Os gritos já haviam cessado, mas ainda se ouviam duas vozes. Quando chegaram no segundo andar, as vozes não foram mais ouvidas. Ao chegar ao local, eles encontraram os móveis revirados, colchões jogados no chão, uma navalha ensanguentada em cima de uma cadeira, vários tufo de cabelos grisalhos arrancados à força, moedas, um brinco de topázio, três colheres de prata, duas bolsas contendo quase quatro mil francos. Em um dos cantos do quarto, as gavetas de uma cômoda estavam abertas, parecendo que foram saqueadas, embora houvessem dentro delas vários objetos valiosos. Foi encontrado também um pequeno cofre de ferro debaixo da cama com algumas cartas antigas e papéis sem importância. O cadáver da filha foi encontrado de cabeça para baixo dentro da chaminé. O corpo ainda estava quente e apresentava muitas escoriações causadas pela violência com que havia sido carregado até a chaminé. O rosto tinha arranhões graves e a garganta apresentava hematomas escuros e marcas profundas de unhas, como se ela tivesse sido estrangulada até a morte. Durante a minuciosa investigação da casa também foi encontrado o cadáver da Sra. L'Espanaye, decapitada, em um pequeno pátio pavimentado nos fundos do prédio. Sobre este mistério horrível, ainda não temos mais pistas.

A edição do dia seguinte apresentou mais alguns detalhes adicionais, conforme apresentado a seguir:

A Tragédia na Rua Morgue

Vários moradores e conhecidos foram interrogados, sendo transcritos aqui as informações obtidas nos depoimentos:

Sra. Pauline Duborg, lavadeira: declarou que conhecia as duas vítimas há três anos, pois lavava suas roupas. Mencionou que a Sra. L'Espanaye e sua filha viviam em harmonia, sendo muito dedicadas uma à outra. Pagavam sem atraso. Ela não soube explicar como sobreviviam, mas acreditava que a Sra. l'Espanaye lia a sorte para viver e que possuía muito dinheiro guardado. Relatou que elas nunca recebiam visitas e não tinham outros criados. Disse também que só havia móveis no quarto andar da casa.

Sr. Pierre Moreau, atendente de tabacaria: declarou que vendia tabaco e rapé para a Sra. l'Espanaye. Conhecia a falecida e sua filha há mais de seis anos. Comentou que chegou a morar na casa onde os assassinatos ocorreram, qual sempre pertenceu à Sra. l'Espanaye. Mencionou que antigamente era ocupada por um joalheiro, que sublocava os quartos da parte de cima da casa para várias pessoas. Descontente com a atitude do joalheiro de sublocar sua casa, a Sra. l'Espanaye resolveu morar na residência sozinha e não sublocar mais os cômodos. O Sr. Pierre disse ter visto a filha apenas umas cinco ou seis vezes durante os seis anos. As duas levavam suas vidas isoladas e se passavam por pessoas ricas. Os vizinhos lhe disseram que a Sra. l'Espanaye lia a sorte; mas não acreditava nisso, porque nunca viu ninguém entrar naquela casa, exceto um carregador uma ou duas vezes, e um médico oito ou dez vezes. Vários outros vizinhos afirmaram para ele que elas nunca recebiam visitas. Ninguém sabe até hoje, se elas tinham parentes. As janelas da frente da casa raramente eram abertas, enquanto as da parte de trás estavam sempre fechadas, exceto as janelas do aposento do quarto andar voltado para o fundo da casa.

Isidore Muset, policial: declarou que foi chamado às três horas da madrugada. Ao chegar na casa, encontrou cerca de vinte ou trinta pessoas em frente à entrada da casa. Usou uma baioneta para arrombar a porta de duas folhas. Foram ouvidos gritos de dor, altos e prolongados. Esses gritos perduraram até o arrombamento da porta. Depois, subitamente, cessaram. O Sr. Muset subiu as escadas e quando chegou no primeiro andar ouviu duas vozes discutindo alto. Uma delas era rude e a outra aguda e estranha. Da primeira voz, que certamente não era de mulher, compreendeu algumas palavras em francês como *sacré* (sagrado) e *diable* (diabo). Já a segunda voz, mais aguda, soava como a de um estrangeiro, possivelmente espanhol. Mas não era possível definir se seria de um homem ou de uma mulher. Foi o Sr. Muset quem descreveu o estado do quarto e dos cadáveres descrito na matéria de ontem.

Henri Duval, ourives: declarou que foi um dos primeiros que entraram na casa durante o incidente. Confirmou o testemunho do Sr. Muset. Mencionou que entrou na casa juntamente com o policial. Eles fecharam a entrada para que mais pessoas não adentrassem na residência. Ele também ouviu a voz aguda, que pressupôs ser de um italiano. Porém, como não conhece o idioma, não conseguiu reconhecer nenhuma palavra. Não conseguiu também identificar se a voz era de um homem ou mulher. A testemunha conhecia a Sra. l'Espanaye e a filha dela. Comentou que conversou várias vezes com elas e que as vozes ouvidas não eram de nenhuma das duas.

Odenheimer, restaurador: nascido em Amsterdam, capital da Holanda, não fala francês e foi interrogado com a ajuda de um intérprete. O restaurador estava de passagem próximo à casa no momento dos gritos. Mencionou que eles duraram cerca de dez minutos. Ouviu gritos longos, altos e aterrorizantes. Ele também foi um dos que entraram na casa. Confirmou o testemunho do Sr. Duval, exceto em um ponto. Afirmou que a voz aguda que ouviram era a de um homem francês, mas não conseguiu entender o que era dito. Falavam alto, exprimindo temor e fúria. A voz mais grave era áspera e repetia: *Sacré, diable*. E em uma das vezes, exclamou: *Mon Dieu!*

Jules Mignaud, banqueiro da Casa Mignaud et fils na Rua Deloraine: É o mais velho dos irmãos Mignaud, proprietários de um banco na cidade. A Sra. l'Espanaye possuía algum dinheiro depositado em uma conta aberta há oito anos atrás durante uma primavera nesse banco. O Sr. Mignaud declarou que ela sempre depositava pequenas quantias de dinheiro e que três dias antes de sua morte, a Sra. l'Espanaye sacou quatro mil francos em ouro. A quantia foi levada até sua casa, próximo ao meio-dia, em duas bolsas carregadas por Adolphe Lebon, funcionário da Casa Mignaud et fils. A Srta. l'Espanaye recebeu as bolsas. o Sr. Lebon se despediu e foi embora, mencionado que a rua estava vazia naquele momento.

William Bird, alfaiate: é inglês e vive há dois anos em Paris. Ele também foi uma das primeiras pessoas a subir a escada. Ouviu uma discussão. A voz mais grave era a de um francês, pois foi possível ouvir algumas palavras como *sacré* e *mon Dieu*. Ouviu barulho de luta e de objetos sendo quebrados. Havia uma voz aguda fortíssima, mais alta que a voz grave, que tem certeza de que não era a de um inglês. Soava como alemão, e talvez pudesse ser a voz de uma mulher. A testemunha não conhece o idioma alemão, por isso não conseguiu entender o que era dito. O Sr. Bird, Sr. Mignaud, Sr. Odenheimer e Sr. Duval foram convocados novamente para deporem. Nesse segundo depoimento, o tempo entre o momento em que se ouviram a discussão e o arrombamento da porta do quarto variou entre as testemunhas. Mas todos concordaram que ao chegarem à porta do quarto não ouviram mais nenhum barulho ou gritaria. A porta estava trancada por dentro e foi arrombada com muita força. Não encontraram ninguém no local. As janelas estavam fechadas e trancadas por dentro. Uma porta que comunicava aquele quarto com outro estava fechada, porém não à chave. A porta do quarto da frente que dá acesso ao corredor estava trancada por dentro com chave. Um pequeno dormitório do quarto andar, voltado para a frente da casa, estava com a porta entreaberta. Aquele local estava cheio de objetos velhos. A casa tem quatro andares com mansardas, aquelas janelas que se abrem para o telhado, mas todas estavam fechadas por dentro. Uma delas foi fechada com pregos. Parecia não ter sido aberta há anos.

Alfonso García, funcionário de serviço funerário: reside na Rua Morgue. Nascido na Espanha, foi um dos que entraram na casa, mas não subiu a escada. Ouviu a discussão, e identificou a voz mais grave como a de um francês, mas não conseguiu entender o que dizia. Para ele, a voz aguda com certeza era a de um inglês, embora a testemunha não saiba falar inglês.

Alberto Montani, confeiteiro: declarou ter sido um dos primeiros a subir as escadas. Também ouviu as vozes. Afirmou que a voz rouca deveria ser a de um francês, que parecia repreender uma outra pessoa. Não conseguiu compreender o que dizia a voz aguda, pois falava depressa e truncado. Afirmou que parecia russo, embora ele nunca tenha falado com um. Ele e algumas testemunhas, que foram novamente intimadas, declararam que a chaminé era muito estreita para permitir a passagem de um corpo humano. Também afirmaram que não havia como o assassino fugir do quarto, pois todas as portas e janelas estavam fechadas por dentro. Mencionou também o corpo da Srta. l'Espanaye estava tão firmemente preso na chaminé que foi necessária a ajuda de quatro ou cinco pessoas para retirar o cadáver.

Dr. Paulo Dumas, médico: foi chamado ao amanhecer para examinar os cadáveres, que foram colocados sobre um colchão no chão do quarto onde a Srta. L'Espanaye foi encontrada. O cadáver da filha estava bastante machucado e com várias escoriações, que devem ter ocorrido enquanto era puxada para dentro da chaminé. Havia hematomas abaixo do queixo e no pescoço formados pela pressão de dedos. O rosto estava horrivelmente pálido e com os olhos saltados. A língua foi cortada parcialmente. Havia uma grande equimose na região inicial do estômago, produzida aparentemente pela pressão de um joelho. Na opinião do Dr. Dumas, a Srta. L'Espanaye foi estrangulada até a morte por uma ou mais pessoas. No cadáver da mãe havia múltiplas fraturas nos ossos da perna, do braço direito, na tíbia esquerda e em todas as costelas do lado esquerdo do corpo. Havia lesões espalhadas por todo cadáver, sem ser possível determinar como os ferimentos foram infligidos. As lesões poderiam ter sido feitas por qualquer arma pesada como um bastão de madeira. O cadáver foi decapitado, sendo a cabeça encontrada separada do corpo com sérios sinais de agressão. O pescoço foi cortado provavelmente com uma navalha.

Dr. Alexandre Etienne (cirurgião): também foi chamado para a necropsia. Seu depoimento confirmou as informações do Dr. Dumas.

*Nenhuma outra informação importante foi obtida pela polícia até o presente momento.

***Nota da Edição Vespertina**

Ainda há uma agitação no bairro de Saint-Roch, onde as investigações prosseguem, mas em vão até o momento. Adolphe Le Bom, funcionário de Mignaud et fils, responsável pelo carregamento das bolsas, foi detido e encarcerado, embora não possa ser incriminado por meio dos fatos detalhados anteriormente.

Dupin parecia interessado nesse caso. Após o anúncio da prisão de Le Bom, quis minha opinião a respeito dos assassinatos. Eu disse a ele que parecia um mistério sem solução, pois não havia como obter mais pistas do assassino. Então, Dupin me disse:

– Não podemos julgar este caso só com estas informações superficiais. A polícia parisiense, tão convencida de sua perspicácia, não possui um método de investigação estruturado. Tomam uma série de medidas apenas para satisfazer o público. Seus resultados, na maior parte, são obtidos pelo simples trabalho de investigação, sem nenhuma capacidade dedutiva. Vamos examinar melhor o local do crime, antes de formarmos uma opinião a respeito do caso. Iremos ver o local com nossos próprios olhos. Conheço o comissário de polícia, e não terei dificuldade em obter a permissão necessária para entrarmos no local do crime.

A permissão foi concedida pelo comissário e seguimos imediatamente para a Rue Morgue. Já estava quase anoitecendo quando chegamos. Encontramos a casa com facilidade, pois havia muitos curiosos tentando olhar o interior da casa pelas persianas das janelas. Aquela era uma casa parisiense comum.

Antes de entrar na casa, demos a volta na quadra e observamos o fundo da residência. Dupin examinava todo o bairro, bem como a casa. Voltamos à frente da residência, tocamos a campainha e mostramos nossos documentos para os policiais de plantão. Subimos as escadas e entramos no quarto onde o corpo da Srta. L'Espanaye foi encontrado e onde jaziam os corpos.

A cena do crime foi mantida intacta. Não havia nada além do que foi declarado no Diário da Justiça. Dupin examinou todo o local e os cadáveres. Em seguida, fomos para os outros quartos e para o pátio. Um policial nos acompanhou o tempo todo. Continuamos a investigação até o anoitecer. Na volta, Dupin não disse nada. Paramos por alguns instantes no Jornal 'Le Monde'. Não sei o que Dupin fazia lá naquele horário.

Voltamos para casa e ele continuou em silêncio durante todo trajeto.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, Dupin me perguntou se eu percebi algo peculiar na cena do crime. Então, eu disse:

- Não observei nada de diferente do que foi declarado pelo jornal.

Então, ele me respondeu:

- O jornal não entrou em detalhes sobre a cena incomum que ocorreu. Descarte as opiniões casuais que foram relatadas. A confusão da polícia se deve a vários fatores como: a aparente falta de um motivo para tamanha atrocidade, o fato de ninguém ser encontrado no local do crime, a desordem espantosa no quarto, o cadáver puxado pela chaminé de cabeça para baixo e a decapitação da Sra. L'Espanaye. Nesse momento, espero chegar aqui uma pessoa que não seja o responsável por esta carnificina, mas que esteja envolvida com as mortes. Estou certo que iremos conseguir resolver este caso. É possível que ele não venha, mas caso vier será necessário detê-lo. Pegue uma pistola. Ambos sabemos como e quando usá-la.

Ouvia Dupin sem acreditar no que ouvia. Ele falava alto, olhando para a parede. Então me perguntou:

- Você observou algo peculiar?

- Eu observei que, embora todas as testemunhas concordem que a voz mais grave pertence a um homem francês, nenhum deles tem certeza sobre a nacionalidade da pessoa da voz mais aguda.

- Pois bem, por meio dos relatos e analisando o sobrenome das testemunhas, observamos que a testemunha de origem espanhola acredita que a voz seja de um inglês; o inglês acredita ser de um alemão; o holandês acredita ser de um francês; o francês acredita ser de um italiano; o italiano acredita ser de um russo. Mas nenhum deles consegue reconhecer o idioma falado pela pessoa da voz aguda. Poderia ser a de um asiático ou africano, porém seria difícil encontrar algum deles em Paris. Imagine estar novamente naquele quarto. O que deveríamos procurar em primeiro lugar?

Dupin então continuou:

– Naturalmente, seria por onde os assassinos fugiram. Lembrando que eles estavam no quarto da Srta. L'Espanaye enquanto as testemunhas subiam as escadas. A polícia examinou minuciosamente o assoalho, teto, paredes do local e não foi encontrada nenhuma passagem secreta escondida na casa. As portas que levaram para os quartos estavam trancadas com as chaves para dentro. As chaminés eram estreitas e nenhuma pessoa poderia passar por ela. Assim sobram apenas as janelas. As da frente não poderiam ser usadas, por conta da multidão que se aglomerava em frente à casa. Ou seja, sobram apenas as janelas do fundo da casa. Havia duas janelas, porém uma estava pregada. Desta forma, os assassinos devem ter escapado pela outra. Na segunda janela, observei que havia um prego quebrado, mas que parecia íntegro quando reposicionado. Assim, é possível que, quando o assassino fugiu, a mola tenha fechado a janela e o prego tenha mantido a janela em posição. Então, essa parte do enigma estaria resolvido. Ao observarmos a parte de trás da casa, verifiquei que havia uma para-raios a meio metro da segunda janela. Ficou evidente para mim, que uma pessoa com esforço incomum poderia ter entrado por aquela janela. Um outro fato bastante interessante é ele ter abandonado no local do crime os quatro mil francos em ouro. Ou seja, praticamente quase toda a quantia mencionada pelo Sr. Mignaud, o banqueiro, estava dentro dos sacos no chão. Se o ouro tivesse desaparecido, seria possível haver uma relação do assassinado com a sua entrega três dias antes. Outro fato singular a ser considerado é o de haver uma mulher estrangulada até a morte e empurrada para dentro de uma chaminé de cabeça para baixo. Esse tipo de assassinato é muito peculiar. Imagine a força que foi usada para empurrar o cadáver para cima da chaminé. A força descomunal dos assassinos também fica clara, considerando o fato de debaixo da lareira haver mechas de cabelos humanos grisalhos, que foram arrancadas pelas raízes.

Depois de um silêncio, Dupin prosseguiu:

– Imagine a força para arrancar 20 a 30 fios de cabelos com as mãos. Em alguns fios ainda havia fragmentos de couro cabeludo. Além disso, os assassinos foram capazes de decapitar a idosa usando apenas uma navalha. Assim, houve um conjunto de incidentes brutais que exigiram uma força imensa dos assassinos. Sem mencionar os diversos hematomas encontrados em seu cadáver. O objeto obtuso que o Dr. Dumas e o Dr. Etienne mencionaram ser a causa de parte das lesões claramente era o pavimento de pedra do pátio sobre o qual a vítima caiu. Desta forma, se combinarmos as informações da agilidade e força espantosa do assassino, a carnificina sem um motivo aparente, a voz de um estranho cujo idioma seja irreconhecível, a qual conclusão podemos chegar?

Dupin desembaraçava um pequeno tufo preso aos dedos da Sra. L'Espanaye, entregou a mim e disse:

– Diga-me, o que acha?

– Dupin! Isso não é cabelo humano.

Foi então que Dupin respondeu:

– Nunca disse que era. Agora observe o hematoma no pescoço da Srta. L'Espanaye. Veja as marcas de dedos que parecem ter ficado na mesma posição durante todo estrangulamento.

– Essa marca também não é de uma mão humana.

– Lendo o livro de anatomia de macacos de Cuvier, observo que nenhum animal poderia ter feito essa marca senão um orangotango. Os pelos encontrados também parecem ser desta espécie.

Então eu disse:

– Mas mesmo assim, ainda não consigo entender algumas particularidades do assassinato, como a voz do francês.

– Correto! Algum francês presenciou o assassinato. É possível, na verdade, que ele seja responsável por toda crueldade que ocorreu. É possível que o orangotango tenha fugido dele. Ele deve ter seguido o macaco até a casa.

Dupin então continuou:

– Mas depois de tudo o que aconteceu, ele não foi capaz de recapturá-lo. Ou seja, o francês ainda está foragido. E é provável que seja um marinheiro, considerando o nó e o material de que é feito essa fita que encontrei no local do crime. Ontem à noite deixei um anúncio no escritório do 'Le Monde'. Caso o francês seja realmente inocente por essa atrocidade, o anúncio o trará até a nossa casa.

Então, ele me entregou um papel que dizia:

Orangotango encontrado

Encontrado nesta manhã, no Bosque de Bolonha, um orangotango enorme. O proprietário pode reaver o animal novamente se identificá-lo e pagar as taxas decorrentes de sua captura e manutenção.

Favor entrar em contato com Auguste Dupin pelo telefone 01 18 09 18 49 no endereço Rue 7, 19123, Paris.

Dupin continuou:

– Sendo o francês inocente, é provável que ele queira reaver o animal, principalmente devido ao seu valor. Além disso, como o animal fora encontrado no Bosque de Bolonha, longe do local do crime, o francês pode achar que ninguém irá relacionar o animal com o assassinato.

Neste momento ouvimos alguns passos em frente de casa. Dupin disse:

– Esteja preparado! Não use as pistolas até o meu sinal.

A porta da frente da casa foi deixada aberta. O visitante entrou sem tocar a campainha e subiu os degraus da casa. Ele parecia hesitar. Ouvimos ele descendo as escadas. Dupin se moveu rapidamente para a porta, quando ouviu novamente alguém subindo. A pessoa bateu na porta e Dupin disse em uma voz alegre e calorosa:

– Entre!

O homem entrou. Era um marinheiro alto, robusto e musculoso, com uma expressão atrevida. Tinha o rosto queimado pelo sol e um bigode enorme. Carregava consigo um enorme bastão de madeira, mas parecia não carregar outras armas. Ele nos cumprimentou com um boa noite meio desajeitado com um sotaque francês. Dupin disse:

– Sente-se, meu amigo. Suponho que esteja aqui por conta do anúncio do orangotango. Imagino que seja um animal muito valioso. Você saberia dizer quantos anos ele tem?

O marinheiro suspirou e disse:

– Não tenho como saber, mas acho que ele não deve ter mais de quatro ou cinco anos. Ele está aqui?

– Não! Não tínhamos como manter o animal aqui. Ele está em um estábulo na Rua Dubourg, aqui do lado. Você pode vir buscar de manhã. Você está preparado para identificar o animal?

– Claro que estou, senhor.

– Lamentarei me separar dele.

– Não quero que o senhor tenha todo esse trabalho à toa. Estou disposto a pagar a recompensa pelo animal.

Dupin então disse em um tom baixo e calmo, enquanto trancava a porta da frente e colocava a chave em seu bolso:

– Claro! Nada mais justo! Mas o que eu deveria pedir como recompensa? Ah, que tal me explicar como ocorreram os assassinatos da Rue Morgue?

O rosto do marinheiro ficou vermelho de raiva. Agarrou seu bastão, mas em seguida sentou-se, caindo pálido como um cadáver. Não dizia nenhuma palavra. Então Dupin disse de forma gentil:

– Meu amigo, não se preocupe. Não iremos lhe fazer mal algum. Sei que é inocente, mas deve confessar tudo o que sabe. Lembre-se que um homem inocente está preso por um crime que ele não cometeu. Sabemos que você não é culpado e que não tem o que esconder.

O marinheiro se recuperou e respondeu:

– Que Deus me ajude! Vou contar tudo o que sei sobre esse caso. Mas sou inocente e tenho minha consciência livre, mesmo que tenha que morrer por isso!

Em resumo, ele relatou que havia retornado de uma viagem a um arquipélago indiano. Ele e um companheiro capturaram o orangotango. Em um acidente durante a viagem, o companheiro morreu e o animal foi levado para França pelo marinheiro. Ele manteve o animal em sua própria casa em Paris. O macaco ficava isolado para não atrair a atenção da vizinhança. O marinheiro queria vender o animal depois que se recuperasse de um ferimento no pé, causado por uma farpa no navio. Ao voltar para sua casa na madrugada do assassinato, o marinheiro encontrou o orangotango em seu próprio quarto. Estava com uma navalha na mão, totalmente ensaboado, sentado diante de um espelho. Apavorado com a visão do animal segurando a navalha, ele não sabia o que fazer. Ele então pegou um chicote. O macaco ao ver o chicote fugiu para rua pela janela. O francês seguiu o macaco, ainda com a navalha na mão. A perseguição continuou por um longo tempo. As ruas estavam vazias, pois já eram quase três horas da manhã.

Ao passarem por um beco próximo à Rua Morgue, o orangotango foi atraído por uma luz que vinha da janela aberta do quarto da Sra. L'Espanaye. O animal escalou os para-raios com agilidade incrível, e conseguiu entrar pela janela do quarto. O marinheiro também subiu pelo para-raios, mas não conseguiu chegar até a janela. Nesse momento, ele observou a cena horrível que ocorreu. A sra. L'Espanaye e sua filha, vestidas para dormir, estavam arrumando alguns papéis no baú de ferro, que havia sido empurrado para o meio da sala. O baú estava aberto e todo seu conteúdo estava espalhado pelo chão. As vítimas deveriam estar sentadas de costas para a janela e, por isso, não viram o animal entrar no quarto. O marinheiro viu o gigantesco animal agarrando a Sra. L'Espanaye pelos cabelos e passando a navalha sobre seu rosto, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha desmaiara com a cena. Os gritos da idosa irritaram o animal, que arrancou os cabelos dela. Com um único golpe de seu braço, quase separou a cabeça do corpo da mulher. A visão de sangue aumentou a raiva do animal, que cravou suas terríveis garras na garganta da filha até que ela morreu. O animal ao ver o dono com o chicote pela janela sentiu medo. Revoltado com o castigo que sabia que iria receber, o animal espalhou toda mobília pela casa. Por fim, agarrou o cadáver da filha e o empurrou pela chaminé, como fora encontrado. As palavras ouvidas pelas testemunhas na escada eram as exclamações de horror do francês e os gritos do animal. O orangotango escapou pela janela, fechando-a sem querer. Por fim, o animal foi capturado pelo seu dono no Jardim das Plantas. Le Bon foi libertado após as informações dadas por Dupin no escritório do Comissário da Polícia. Então, Dupin me disse:

– Deixe que eles falem. Fazem isso para aliviar sua consciência. Da minha parte, consegui derrotá-los em seu próprio castelo.

FIM

O MISTÉRIO DE
MARIE ROGÊT



O MISTÉRIO DE MARIE ROGÊT

É difícil as pessoas acreditarem no sobrenatural, especialmente porque muitas vezes estes fenômenos podem ser explicados por meras coincidências. Os fatos extraordinários que serão relatados aqui referem-se ao assassinato de Marie Rogêt.

No artigo publicado anteriormente, "Os Assassínatos na Rua Morgue", descrevi algumas características marcantes da personalidade do meu amigo Auguste Dupin. O drama da Rua Morgue causou um forte impacto na polícia parisiense. Todos ficaram conhecendo o nome de Dupin. Suas deduções brilhantes foram consideradas quase milagrosas. Várias pessoas tentaram contratar seus serviços.

Vamos retornar ao assassinato da jovem Marie Rogêt. Sua morte ocorreu cerca de dois anos após a atrocidade da Rua Morgue. Ela era a única filha da viúva Estelle Rogêt. Seu pai havia falecido durante a infância e desde então mãe e filha viveram juntas na Rua Pavée Sainte Andrée.

Madame Estelle tinha uma pensão, sendo auxiliada por Marie durante toda sua infância. Aos 22 anos, sua grande beleza atraiu a atenção de um perfumista, Monsieur Le Blanc, que ocupava uma das lojas no subsolo do Palais Royal. A clientela dele era composta principalmente por aventureiros que infestavam aquela região.

Monsieur Le Blanc presumiu que a presença da bela Marie em sua perfumaria poderia aumentar a clientela. Uma generosa proposta foi prontamente aceita pela moça, embora Madame Estelle estivesse hesitante. Logo as expectativas do lojista se concretizaram: seu estabelecimento se tornou famoso graças à beleza de Marie.

Ela trabalhava para ele há cerca de um ano, quando um dos seus admiradores ficaram surpresos com seu sumiço da loja. Sr. Le Blanc não sabia explicar a ausência da Srta. Rogêt. Madame Estelle estava apavorada. Seu desaparecimento virou notícia em vários jornais.

Uma semana depois, Marie reapareceu na perfumaria. Ela aparentava boa saúde, mas estava triste. O Sr. Le Blanc continuou afirmando que nada sabia sobre seu sumiço, enquanto Marie, juntamente com sua mãe, declarou que passara a última semana na casa de um parente no campo.

Assim, em pouco tempo o assunto foi esquecido. Mas logo depois, Marie pediu demissão da perfumaria e permaneceu na residência de sua mãe, na Rua Pavée St. Andrée. Cerca de cinco meses após retornar para casa, seus amigos ficaram alarmados com seu súbito desaparecimento pela segunda vez. Três dias se passaram e nada se sabia sobre seu paradeiro. No quarto dia, seu cadáver foi encontrado flutuando no rio Sena, perto da margem oposta na Rua Sainte Andrée. Era evidente que ela fora assassinada.

Sua juventude e beleza geraram muita comoção nos parisienses. Não me lembro de nenhum outro acontecimento semelhante que tenha produzido o mesmo efeito na população. Durante várias semanas, a discussão desse homicídio fez com que até mesmo os assuntos políticos mais importantes da época fossem esquecidos. A prefeitura e a polícia parisiense iniciaram as investigações.

Uma semana após o início da investigação, a polícia ofereceu uma recompensa de mil francos para quem tivesse alguma informação sobre o caso. Enquanto isso, a investigação prosseguia, sendo que inúmeras pessoas foram interrogadas sem sucesso. A falta de pistas aumentou ainda mais a comoção popular.

Dez dias depois, dobraram o valor da recompensa. Por fim, duas semanas depois, o Prefeito da Polícia decidiu oferecer a quantia de vinte mil francos por qualquer informação sobre o assassino. Um comitê de cidadãos oferecia dez mil francos, além do valor proposto pela Prefeitura. Assim, a recompensa estaria acima de trinta mil francos, o que era considerado uma quantia extraordinária. Todos acreditavam que agora o mistério deste assassinato seria desvendado. Duas prisões foram declaradas, mas os suspeitos foram liberados por falta de provas.

Passaram-se três semanas desde a descoberta do corpo, e não havia nenhuma pista sobre o caso. A primeira notícia sobre o assassinato foi apresentada pessoalmente pelo Sr. G. Ele nos visitou no início da tarde do dia 13 de julho e permaneceu conosco até tarde da noite. Ele estava irritado com o fracasso para desvendar o mistério. Os olhos do público estavam sobre ele e sua reputação estava em risco. Estava disposto a fazer qualquer sacrifício para desvendar o mistério. Ele encerrou o discurso com um elogio a Dupin, o qual recusou o elogio da melhor maneira possível, mas aceitou a proposta. O Prefeito da Polícia também fez um longo discurso. Pela manhã, obtive acesso a um relatório completo de todas as provas reunidas pela Prefeitura, com as seguintes informações:

22 de junho (domingo)

Marie Rogêt saiu da residência de sua mãe, na rua Pavée Sainte Andrée, por volta das nove horas da manhã. Ao sair, encontrou o Sr. Jacques St. Eustache, sendo que a intenção dela era a de passar o dia com uma tia que residia na rua dos Drômes, uma alameda estreita e curta, porém movimentada.

Esta rua não fica muito longe das margens do rio, estando a cerca de três quilômetros da pensão da Madame Rogêt. St. Eustache era o pretendente de Marie. Ele se hospedava e fazia suas refeições na pensão de sua mãe. Ele deveria buscar sua noiva ao anoitecer e acompanhá-la até em casa.

À tarde, porém, começou a chover forte. Ele supôs que ela passaria a noite na casa de sua tia, pois foi assim em circunstâncias semelhante. Desta forma, ele achou que não seria necessário buscá-la. Conforme a noite passava, ouviu-se Madame Rogêt, uma senhora idosa e frágil de setenta anos, dizer “nunca mais iria ver Marie”. Não foi notada na época.

23 de junho (segunda-feira)

Constatou-se que Marie não esteve na rua dos Drômes. Assim, um dia se passou sem notícias dela. Uma busca tardia foi iniciada em vários pontos da cidade e arredores.

25 de junho (quarta-feira)

Sr. Beauvais foi informado que alguns pescadores encontraram um cadáver flutuando no rio. Eles rebocaram o corpo para a margem. Beauvais e um amigo que o acompanhava reconheceram a sua identidade como sendo o da perfumista.

O rosto estava coberto de sangue escuro, sendo que parte dele escorria pela boca. Mas não havia espuma saindo pela cavidade bucal, como ocorre frequentemente em casos de afogamentos simples. Não havia descoloração dos tecidos.

Ao redor da garganta, havia hematomas e impressões digitais. Os braços estavam rígidos e dobrados sobre o peito. A mão direita estava fechada e a esquerda parcialmente aberta. No pulso esquerdo, havia duas escoriações circulares, que poderiam ser causadas por duas cordas ou por uma corda com mais de uma volta. Uma parte do pulso direito também estava bastante esfolada, assim como as costas em toda a sua extensão, mas principalmente próximo às escápulas.

Ao trazer o corpo para a margem, os pescadores amarraram uma corda nele, mas nenhuma das escoriações foi causada por ela. O pescoço estava muito inchado. Não havia cortes aparentes, nem hematomas que parecessem ser resultantes de golpes.

Um pedaço de renda estava escondido ao redor do pescoço, pois estava amarrado firmemente. Essa renda estava completamente enterrada sob a pele e presa por um nó logo abaixo da orelha esquerda. Apenas isso já teria sido suficiente para causar a morte.

Segundo o laudo médico, ela havia sido submetida a uma violência brutal. Entretanto, o cadáver foi encontrado em um estado que ainda permitia o seu reconhecimento.

O vestido estava muito rasgado e desarrumado. Uma combinação da peça, com cerca de trinta centímetros de largura, havia sido rasgada da bainha inferior até a cintura, mas não completamente arrancada. Estava enrolada três vezes ao redor da cintura e presa por um nó nas costas.

Havia também um vestido imediatamente abaixo do vestido principal, que era feito de musselina fina. Uma outra combinação de quarenta e cinco centímetros de largura havia sido completamente arrancada, rasgada de forma muito uniforme e com grande cuidado, sendo encontrada em volta do pescoço, folgada e presa com um nó firme.

Sobre essa combinação de musselina e a combinação de renda, estavam presas as fitas de uma touca que estava por cima. O nó que prendia as fitas da touca não era um nó feminino, mas um nó de marinheiro.

Após o reconhecimento, o cadáver não foi levado ao necrotério, mas sepultado às pressas. Graças aos esforços de Beauvais, o assunto foi abafado antes que surgisse qualquer comoção pública. Contudo, um jornal semanal publicou a história e o cadáver foi exumado. Um novo exame foi instaurado, mas nada foi descoberto além do que já foi mencionado anteriormente. Após a exumação, as roupas foram entregues à mãe e aos amigos da falecida, sendo devidamente identificadas como as que a jovem usava ao sair de casa.

Entretanto, a comoção aumentava a cada hora. Várias pessoas foram presas e libertadas. St. Eustache tornou-se suspeito, pois não conseguiu informar seu paradeiro durante o domingo em que Marie saiu de casa. Porém, posteriormente explicou de forma satisfatória ao Sr. G. cada hora do dia em questão.

Com o passar do tempo e sem mais nenhuma descoberta, começaram a circular rumores que ocupariam os jornalistas. Entre elas, a que mais chamou a atenção foi a ideia de que Marie Rogêt ainda estava viva, e que o cadáver encontrado no rio Sena era de alguma outra pessoa.

A seguir apresento ao leitor algumas passagens publicadas no "L'Etoile", um jornal de excelente reputação:

Na manhã do domingo do dia 22 de junho, Marie Rogêt saiu da casa de sua mãe com o propósito de visitar sua tia ou algum outro parente na rua dos Drômes. A partir daquele momento, ninguém mais a viu. Ao meio-dia da quarta-feira seguinte, foi encontrado um corpo feminino boiando na margem da Barrière du Roule. Seria insensato supor que o assassinato tenha ocorrido antes da meia-noite, devido à movimentação local. A experiência com corpos afogados ou jogados na água imediatamente após a morte por violência mostra que são necessários de seis a dez dias para que a decomposição seja suficiente para que o cadáver retorne à superfície da água. Assim, o que houve neste caso? Se o corpo, em seu estado mutilado, estivesse na margem até a noite de terça-feira, teriam encontrado algum vestígio dos assassinos na margem do rio. É estranho também que o corpo tenha flutuado tão rapidamente. Além disso, porque o assassino jogou o corpo na água sem peso para afundá-lo? Além disso, o que levou o Sr. Beauvais a afirmar que o corpo era de Marie Rogêt? Ele rasgou a manga do vestido e disse ter encontrado marcas no braço que o convenceram da identidade. Seriam essas marcas algum tipo de cicatriz? O Sr. Beauvais enviou um recado à Sra. Rogêt às 7 h da quarta-feira, informando que a investigação ainda estava em andamento. A Sra. Rogêt, devido à sua idade e ao estado de luto, não pode confirmar a identidade do cadáver. O futuro marido de Marie, Sr. St. Eustache, se hospedava na casa da mãe dela. Ele disse que só foi informado da descoberta do corpo na manhã seguinte, quando o Sr. Beauvais entrou em seu quarto e lhe contou. Essa notícia parece que foi recebida com certa frieza.

Dessa forma, o jornal sugere que os parentes de Marie receberam as informações com certa apatia, o que seria incompatível com a suposição de que estes acreditavam terem encontrado o cadáver dela. Comentários maldosos insinuavam que Marie havia se ausentado da cidade por motivos que envolviam uma acusação contra sua castidade. Os amigos, cientes da situação, ao descobrirem um cadáver no rio Sena, convenciam o público de sua morte.

Informações sugerem que o Jornal "L'Etoile" foi precipitado. Ficou claramente comprovado que não havia apatia alguma. A Sra. Rogêt estava extremamente frágil e tão agitada a ponto de ser incapaz de cumprir qualquer dever. O St. Eustache estaria longe de receber a notícia com frieza. Ele estava transtornado pela dor e se comportava de maneira tão desesperada que o Sr. Beauvais convenceu um amigo e parente a cuidar dele e impedi-lo de comparecer à exumação.

Além disso, embora o jornal "L'Etoile" tenha afirmado que o cadáver foi reenterrado às custas de dinheiro público, parece que houve uma oferta generosa para o sepultamento privado, que foi recusada pela família. Assim, nenhum membro da família compareceu à cerimônia, o oposto que foi afirmado pelo "L'Etoile". Uma edição posterior do jornal, tentou lançar suspeitas sobre o próprio Beauvais. Nela, o editor afirmou:

Surgiram novidades sobre o caso Marie Rogêt. Fomos informados que, enquanto estava na casa de Madame Rogêt, Sr. Beauvais disse à Madame B. que um policial estava esperando por ela. Ele disse à Madame B. que ela não deveria dizer nada ao policial até que ele retornasse. Ela deveria deixar que ele mesmo conversasse com o policial. Por algum motivo, ele decidiu que, ninguém além dele, deveria se envolver em assuntos policiais. Isso afastou os parentes da vítima, os quais também foram impedidos de ver o corpo.

Alguns dias antes do desaparecimento de Marie, foi colocada uma rosa na fechadura da porta com o nome “Marie” escrito nela. A impressão era que Marie tinha sido vítima de um bando de criminosos. Supostamente, eles levaram a vítima até o outro lado do rio, onde foi espancada e assassinada.

O "Le Commercial", um jornal de grande influência, não concordava com tal hipótese, conforme apresentado a seguir:

Estamos convencidos de que a investigação sobre a morte de Marie Rogêt seguiu até agora uma pista falsa, uma vez que se concentrou nas investigações em Barrière du Roule. É impossível que uma pessoa tão popular tenha percorrido três quarteirões sem ser vista. Qualquer pessoa que a tivesse visto se lembraria, pois ela despertava o interesse de todos que a conheciam. Ela saía de sua residência quando as ruas já estavam lotadas. Seria impossível ela tenha ido à Barrière du Roule ou à rua dos Drômes sem ser reconhecida por uma dúzia de pessoas.

Entretanto, ninguém a viu do lado de fora da casa de sua mãe. Além disso, não há provas que ela realmente tenha saído de casa, exceto o testemunho da própria mãe. O tecido de seu vestido foi rasgado e enrolado ao redor de seu corpo para que pudesse ser carregado. Se o assassino tivesse cometido o crime na Barrière du Roule, não haveria necessidade de ter tanto trabalho para envolver o cadáver. Além disso, o fato de o corpo ter sido encontrado flutuando perto da Barrière não prova que ele tenha sido jogado neste local. Um pedaço de uma das anáguas da vítima, com sessenta centímetros de comprimento e trinta centímetros de largura, foi rasgado e amarrado sob seu queixo até a parte de trás da cabeça; provavelmente para evitar gritos. Isso foi feito por indivíduos que não tinham lenços de bolso. Um ou dois dias antes da visita do Prefeito da Polícia, informações importantes chegaram à Polícia, que contradizem o que foi publicado no "Le Commercial". Dois meninos, filhos de uma certa Madame Deluc, vagavam pela mata perto da Barrière du Roule.

Eles entraram por acaso em um matagal denso, onde encontraram três ou quatro pedras grandes, formando uma espécie de assento com encosto e apoio para os pés. Sobre a pedra de cima, havia uma anágua branca; sobre a segunda, um lenço de seda.

Também foram encontrados um guarda-sol, luvas e um lenço de bolso. O lenço trazia o nome "Marie Rogêt". Foram encontrados também fragmentos de roupas nos arbustos ao redor. No local, a terra estava pisoteada, com os arbustos quebrados e havia indícios de luta. Entre o matagal e o rio, as cercas foram derrubadas e o chão apresentava marcas de algo pesado que foi arrastado.

O "Le Soleil", um jornal semanal, fez os seguintes comentários sobre esta descoberta, que ressoava com o sentimento de toda a imprensa parisiense:

Os objetos encontrados estavam ali há pelo menos três ou quatro semanas, uma vez que estavam todos endurecidos pelo mofo da chuva e grudados uns nos outros por causa da umidade. A grama já havia crescido ao redor e sobre alguns deles. A seda do guarda-sol estava com os fios entrelaçados. A parte superior estava toda mofada e apodrecida. O tecido rasgou ao abrir o guarda-sol. Os pedaços do vestido arrancados pelos arbustos tinham cerca de 7,5 cm de largura e 15 cm de comprimento. Uma parte era a bainha do vestido e havia sido remendada anteriormente. Uma outra parte era da saia e não da bainha. Pareciam tiras de tecido haviam sido arrancadas e estavam no arbusto espinhoso, a cerca de 30 cm do chão. Portanto, não há dúvida de que o local desse terrível atentado foi descoberto.

Em consequência dessa descoberta, surgiram novas evidências. Madame Deluc testemunhou que mantém uma hospedaria à beira da estrada, não muito longe da margem do rio, em frente à Barrière du Roule. A vizinhança é isolada. Aos domingos, é um local de encontro frequentado por malfeitores da cidade, que atravessam o rio de barco.

Por volta das três horas da tarde do domingo em questão, uma jovem chegou à hospedaria acompanhada por um rapaz de pele escura. Os dois permaneceram ali por algum tempo. Ao partirem, seguiram pela estrada que levava a um bosque denso nas proximidades. A atenção de Madame Deluc foi atraída pelo vestido usado pela moça, devido à sua semelhança com o de uma parente falecida. Um lenço chamou particularmente a atenção.

Logo após a partida do casal, um bando de delinquentes apareceu. Eles se comportavam de maneira barulhenta. Comeram e beberam sem pagar. Eles seguiram pelo mesmo caminho do rapaz e da moça. Ao anoitecer, retornaram à hospedaria e atravessaram o rio novamente como se estivessem com muita pressa.

Naquela mesma noite, logo após o anoitecer, Madame Deluc, assim como seu filho mais velho, ouviram os gritos de uma mulher nas proximidades da estalagem. Os gritos eram violentos, mas breves. Madame D. reconheceu não apenas o lenço encontrado no matagal, mas também o vestido descoberto sobre o cadáver.

Um motorista de ônibus, Sr. Valence, também testemunhou que viu Marie Rogêt atravessar uma balsa no rio Sena, no domingo em questão, em companhia de um jovem de pele morena. Ele, Valence, conhecia Marie e não poderia estar enganado quanto à sua identidade. Os objetos encontrados no matagal foram devidamente identificados pelos parentes de Marie.

Aparentemente, logo após a descoberta das roupas e do corpo sem vida, ou quase sem vida, o noivo de Marie foi encontrado nas proximidades do lugar que todos agora supunham ser o local do crime. Um frasco com a inscrição "láudano" vazio foi encontrado perto dele. Seu hálito indicava a presença de sangue. Ele morreu sem falar. Com ele foi encontrada uma carta, na qual ele declarava brevemente seu amor por Marie e mencionava seu plano de suicídio.

Ao terminar de ler as minhas anotações, segue nas próximas páginas um segundo relatório com o que Dupin disse sobre o assunto:

Não preciso dizer que este é um caso muito mais complexo do que o da Rua Morgue, do qual difere em um aspecto importante. Este é um exemplo de crime comum. Não há nada de bizarro nele. Você notará que, por essa razão, o mistério foi considerado fácil, quando, por essa mesma razão, deveria ter sido considerado difícil de solucionar.

Assim, a princípio, considerou-se desnecessário oferecer uma recompensa. Pensaram em muitos modos e motivos. Como não era impossível que qualquer um desses inúmeros modos e motivos pudesse ser o verdadeiro, eles presumiram que um deles era o correto. A questão apropriada em casos como este não é tanto "o que aconteceu?", mas sim "o que aconteceu que nunca aconteceu antes?".

No caso de Madame L'Espanaye e sua filha nos Assassinatos da rua Morgue, desde o início da nossa investigação, não havia dúvida de que se tratava de um assassinato. A hipótese de suicídio foi descartada de imediato. Neste caso, também descartamos qualquer possibilidade de suicídio.

O corpo encontrado na Barrière du Roule foi encontrado em circunstâncias que não deixam margem de dúvidas. Mas foi sugerido que o cadáver descoberto não seja o de Marie Rogêt. Assim, é possível que o corpo encontrado seja de outra pessoa que não Marie. Assim, nosso primeiro passo é determinar a identidade do cadáver. Vamos examinar os pontos principais da argumentação do jornal 'L'Etoile'. O primeiro objetivo do autor é demonstrar, pela brevidade do intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do cadáver flutuando, que este cadáver não pode ser o de Marie.

O texto afirma que "é insensato supor que o assassinato tenha ocorrido antes da meia-noite". Mas porque seria insensato supor que o assassinato fora cometido cinco minutos após a menina sair da casa da mãe? Por que é insensato supor que o assassinato foi cometido em qualquer horário do dia?

Já houve assassinatos a todas as horas. Se o assassinato ocorreu a qualquer momento entre as nove horas da manhã de domingo e quinze para a meia-noite, ainda assim haveria tempo suficiente para jogar o corpo no rio antes da meia-noite.

O jornalista teve a intenção de dizer que, qualquer que fosse o horário em que o crime foi cometido, era improvável que os assassinos levassem o cadáver até o rio antes da meia-noite. E é aqui que reside a minha dúvida. O jornalista presume que o assassinato foi cometido sob tais circunstâncias que tenham obrigado a levar o cadáver até o rio.

Ora, digo que o assassinato poderia ter ocorrido na margem do rio ou no próprio rio. Assim, o cadáver poderia ser jogado na água a qualquer momento. Assim, o corpo de Marie poderia ter permanecido na água por um período muito breve. É importante mencionar que corpos afogados ou corpos lançados na água necessitam de seis a dez dias para que ocorra decomposição suficiente para que subam à superfície. A densidade do corpo humano, em seu estado natural, é muito próxima ao da água doce. As mulheres geralmente são mais leves do que homens magros e de estrutura óssea maior. Vale lembrar que a densidade da água de um rio pode variar. Mas deixando de lado esse fator, poucos corpos humanos podem afundar em água doce.

A maioria das pessoas que caem em um rio conseguem flutuar. Quando as pessoas não estão acostumadas a nadar, os braços são invariavelmente lançados para cima, enquanto o indivíduo tenta manter a cabeça em sua posição perpendicular habitual.

O resultado é a imersão da boca e das narinas e a entrada de água nos pulmões durante as tentativas de respirar debaixo d'água. Grande quantidade de água também é ingerida, indo para o estômago. O corpo fica mais pesado devido ao peso da água que preenche essas cavidades. Esse aumento de peso é suficiente para fazer o corpo afundar, mas é insuficiente em casos de indivíduos com ossos pequenos e uma quantidade aumentada de tecido adiposo. Estes indivíduos flutuam após o afogamento.

Supondo-se que o cadáver esteja no fundo do rio, ele permanecerá lá até que, por algum meio, sua densidade se torne novamente menor que a da água. Isso geralmente ocorre a partir da decomposição do cadáver, que gera gases que distendem os tecidos e as cavidades anatômicas, dando uma aparência inchada ao cadáver. A decomposição pode ser modificada por inúmeros fatores.

Estes fatores podem ser: temperatura, impregnação mineral, pureza da água, profundidade, correnteza ou estagnação, presença de infecção ou ausência de doença antes da morte, entre outros. Assim, é evidente que não é possível determinar, com precisão, como ocorre a decomposição debaixo da água. Além disso, pode haver produção de gás no estômago devido à fermentação acética de matéria vegetal, que pode ser suficiente para induzir uma distensão.

Esta distensão pode levar o corpo de volta à superfície. Além disso, uma vibração ambiental, como o tiro de um canhão, pode soltar o cadáver da lama ou lodo mole em que está imerso, permitindo que ele suba quando outros fatores já o prepararam para isso.

Assim, o Jornal 'L'Etoile' divulgou pesquisas realizadas com corpos afogados ou corpos lançados na água imediatamente após a morte por violência. Estes necessitam de seis a dez dias para que ocorra decomposição suficiente para subirem à superfície. Isto parece incoerente, uma vez que nem todas as experiências demonstram que corpos afogados necessitam de seis a dez dias para que a decomposição seja suficiente para um corpo retornar à superfície.

Experimentos mostram que o período de sua ascensão é indeterminado. Além disso, vale a pena chamar a atenção para a distinção feita entre 'corpos afogados' e 'corpos jogados na água imediatamente após a morte por violência'. Embora o autor tenha feito distinção, ele incluiu ambos na mesma categoria. Analisando essas comunicações com outras informações, podemos fazer perguntas que, se habilmente conduzidas, poderão revelar algumas informações que as próprias pessoas podem nem saber que possuem. Considerando que um assassino sozinho tenha arrastado o corpo até a margem, é provável que ele tenha utilizado um barco. O cadáver não poderia ter sido deixado em águas rasas. As marcas peculiares nas costas e nos ombros da vítima parecem ter sido produzidas pelo casco de um barco. O fato de o corpo ter sido encontrado sem qualquer peso amarrado a ele também corrobora com essa hipótese.

Se o cadáver tivesse sido atirado na costa, o assassino teria preso um peso a ele. Mas a ausência do peso, pode ser uma negligência de um assassino inexperiente. Ao lançar o cadáver à água, ele certamente poderia ter notado sua falha. Após se livrar do corpo, o assassino deve ter retornado às pressas para a cidade. Lá, em algum cais escuro, teria saltado para terra firme. Mas onde teria ancorado o barco? Será que ele estaria com muita pressa para ancorar um barco? Ou ao prendê-lo ao cais, ele teria sentido que estaria criando provas contra si mesmo?

Ele deve ter fugido do cais e deixado o barco ali. Deve ter abandonado a embarcação à deriva. Pela manhã, o assassino descobre que o barco foi recolhido e que está retido em um local que ele costuma frequentar diariamente.

Na noite seguinte, ele remove a embarcação do local, sem se preocupar com o leme. Agora, onde estará aquele barco sem leme?

Esse deve ser um de nossos primeiros objetivos a descobrir. Encontrando este barco, deveremos identificar o assassino.

FIM

O ESCARAVELHO

DE OURO



O ESCARAVELHO

DE OURO

William Legrand pertencia a uma antiga família rica e nobre. Infelizmente, uma série de desventuras o levou à miséria. Para evitar humilhação, ele decidiu se mudar de Nova Orleans para a Ilha de Sullivan, na Carolina do Sul.

Aquela é uma ilha muito peculiar. Tem aproximadamente cinco quilômetros de comprimento e consiste apenas de areia do mar. Sua largura não ultrapassa quatrocentos metros em nenhum ponto. Ela é separada do continente por um pequeno riacho, quase imperceptível devido a uma vegetação baixa que recobre quase toda suas águas. Não existem árvores de grande porte em suas margens.

Perto da extremidade oeste, existe o Forte Moultrie, construído precariamente com madeira. Ele é ocupado eventualmente durante o verão. Toda a ilha, com exceção desta região ocidental e da praia no litoral, é coberta por um denso arbusto de cinco ou seis metros, que forma um bosque quase impenetrável. A fragrância vinda das folhas destas árvores impregna toda a ilha.

Próximo à extremidade leste, em uma área profunda do bosque, o Sr. Legrand construiu uma pequena cabana. Foi após a construção do local que fiz amizade com ele. Eu estava muito interessado em conhece-lo melhor. Era bem-educado, tinha pensamentos incomuns, alternando entre entusiasmo e melancolia. Tinha muitos livros, mas que raramente eram lidos. Seus principais passatempos eram caçar, pescar e passear pela praia em busca de conchas. Sua coleção era de causar inveja. Nesses passeios, ele geralmente estava acompanhado por um velho negro, chamado Júpiter.

Os invernos na Ilha de Sullivan raramente eram rigorosos. Raramente se fazia necessária uma fogueira no outono. Em meados de outubro, houve um notável dia de frio. Pouco antes do pôr do sol, segui até a cabana do meu amigo, que eu não visitava há várias semanas, pois morava em Charleston. Ao chegar à cabana, bati, como de costume. Não obtive resposta. Então, procurei a chave onde sabia que ficava escondida. Destranquei a porta e entrei. Uma bela fogueira crepitava na lareira. Tirei o sobretudo, sentei-me numa poltrona perto dos troncos crepitantes e esperei a chegada dos meus anfitriões.

Logo após o anoitecer, eles chegaram. Júpiter, com um sorriso de orelha a orelha, foi preparar uma galinha-d'água para o jantar. Legrand também estava entusiasmado. Ele havia encontrado um bivalve e um escaravelho que ele acreditava serem totalmente novos.

– Eu não sabia que estaria aqui – disse Legrand – Já faz tanto tempo que não nos vemos. Quando eu estava voltando para casa, encontrei o Tenente G. e entreguei o inseto a ele. Fique aqui esta noite, amanhã poderá vê-lo. É a coisa mais linda da criação!

Então, Legrand continuou:

- Ele é dourado, do tamanho de uma noz-pecã grande, com duas manchas pretas nas costas e uma outra um pouco mais comprida, logo abaixo. As antenas são...
- Ele não é de metal, Sr. Will – interrompeu Júpiter – O inseto é de verdade. É o mais pesado que já vi na minha vida.
- Você só poderá ver amanhã. Enquanto isso, posso lhe dar uma ideia da forma.

Ele se sentou em uma pequena mesa, pegou uma caneta e tinta. Tirou do bolso do colete um pedaço de um papel sujo e fez um desenho grosseiro com a caneta. Enquanto ele fazia isso, eu permanecia sentado junto à lareira, ainda com muito frio. Quando terminou o desenho, ele me entregou sem se levantar. Assim que o recebi, ouvi um rosnado alto, seguido por arranhões. Júpiter abriu a porta e um cão enorme, pertencente a Legrand, entrou correndo, pulou nos meus ombros e me cobriu de carinhos, pois eu costumava ser carinhoso com ele em visitas anteriores. Quando suas brincadeiras terminaram, olhei para o papel e, para falar a verdade, fiquei um tanto perplexo com o que meu amigo havia retratado.

- Nossa, que estranho! As manchas nas costas do escaravelho parecem formar o desenho de uma caveira – eu disse.
- Sim, sem dúvida – respondeu Legrand
- Será que seu desenho está correto? – perguntei.
- Tive excelentes professores – ele respondeu – Ah, e as antenas! São tão diferentes!

Devolvi o papel para ele. Legrand olhou novamente o desenho e em um instante, seu rosto ficou vermelho e depois pálido. Ele continuou a examinar o desenho minuciosamente onde estava sentado. Por fim, levantou-se, pegou uma vela da mesa e sentou-se em um canto da sala. Ele ansiosamente examinava o papel, virando-o em todas as direções. Não disse nada, porém, estranhei seu comportamento.

Logo em seguida, tirou uma carteira do bolso do casaco, colocou o papel cuidadosamente dentro dela e guardou ambos em uma escrivania, trancada. Seu semblante se tornou mais sereno, mas seu entusiasmo desapareceu. Parecia completamente distraído agora. Eu ia passar a noite na cabana, mas como ele estava daquele jeito, achei apropriado ir embora.

Ele não insistiu para que eu ficasse. Mas, ao partir, me deu um forte aperto de mão. Um mês depois, em Charleston, recebi a visita de Júpiter. Ele estava abatido. Temi que houvesse acontecido alguma tragédia.

– O que houve? Está tudo bem com Legrand?

– Para falar a verdade, ele não está tão bem quanto deveria. O senhor Will não diz absolutamente nada sobre o que ele tem. Fica caminhando pela casa como se fosse um fantasma.

– Você sabe o que aconteceu?

– Nada desagradável ocorreu desde aquele dia. Mas, tenho quase certeza de que o senhor Will foi picado na cabeça por aquele bicho.

– Por que acha isso?

– O inseto era violento quando fomos pegá-lo.

– E você acha que uma picada o deixou doente?

– Não sei. Acho que ele sonha com ouro.

– Como você sabe que ele sonha com ouro?

– Porque ele fala enquanto dorme.

– Devo visita-lo então?

– Ele pediu para entregar isto aqui.

Júpiter me entregou um bilhete que dizia:

Prezado amigo,

Espero que você não tenha se ofendido com alguma bobagem em sua última visita. Tenho algo para lhe contar, mas não sei como. Não estou passando bem nos últimos dias. Estou irritado até com a atenção do pobre Júpiter, coitado. Se puder, venha com ele, por favor. Preciso contar assuntos importantes. Garanto que é importante.

Atenciosamente,
William Legrand.

Havia algo de estranho no bilhete. Não era o estilo de Legrand. Não sei o que estava acontecendo, mas, sem hesitar um instante, acompanhei Júpiter de volta para casa. Ao chegar ao cais, notei uma foice e três pás no barco em que iríamos embarcar.

– O que significa tudo isso, Júpiter? – perguntei.

– Foi o Sr. Legrand que me pediu para comprar. Mas não sei porque.

Pegamos uma brisa forte e agradável; e depois de uma caminhada de cerca de três quilômetros chegamos à cabana. Eram cerca de três da tarde. Legrand nos aguardava ansiosamente. Ele apertou minha mão com uma firmeza nervosa. Seu semblante estava pálido, quase fantasmagórico. Perguntei sobre sua saúde e sem saber mais o que dizer mencionei o escaravelho.

– Ah, sim! Já estava com ele na manhã seguinte. Este inseto vai me trazer fortuna.

Nesse momento, Legrand se levantou e me trouxe o besouro em uma caixa de vidro onde estava guardado. Era um belo escaravelho, exatamente com havia sido descrito naquele dia.

– Mandei chamá-lo para me aconselhar sobre o que fazer com este escaravelho.

– Meu caro Legrand, você certamente não está bem. Vá para a cama. Eu ficarei com você por alguns dias, até que se recupere.

– Você está enganado. Estou bem. Júpiter e eu partiremos em uma expedição às montanhas, no continente. Precisaremos da ajuda de alguém em quem possamos confiar. Você é o único em quem podemos confiar.

– Te ajudo sim. Mas o que este escaravelho tem a ver com essa expedição?

– Tudo.

– Legrand, não posso participar de algo tão absurdo.

– Sinto muito, então teremos que ir sozinhos.

– Você me promete então, que quando essa sua loucura terminar, você voltará para casa e irá procurar um médico?

– Sim, prometo. Agora vamos, pois não temos tempo a perder.

Então, acompanhei meu amigo. Legrand, Júpiter, o cachorro e eu partimos por volta das quatro horas. Júpiter levava consigo a foice e as pás. Quanto a mim, fiquei encarregado de levar duas lanternas. Legrand se contentou em carregar o escaravelho.

Atravessamos um riacho em um pequeno barco e seguimos em direção noroeste, por uma região extremamente selvagem e desolada, onde não se via nenhum vestígio de pegada humana. Legrand liderava o caminho com determinação. Viajamos por cerca de duas horas. O sol estava se pondo quando entramos em uma região desolada. Era uma espécie de planalto, perto do topo de uma colina. Havia muitas árvores, usando a foice para conseguirmos avançar pelo caminho. Quando chegamos à uma árvore alta, Legrand perguntou para Júpiter se ele achava que conseguiria escalá-la.

– Consigo sim, senhor! – respondeu Júpiter.

– Então suba com você o mais rápido possível, pois logo ficará escuro demais para enxergarmos.

– Até onde devo subir?

– Suba primeiro pelo tronco principal, e então eu lhe direi o caminho a seguir. Leve este besouro com você.

– O que? Para que carregar esse bicho até o topo da árvore? Nem pensar!

– Ele está morto! Está com medo?

– Qual é seu problema, patrão?

Mesmo contrariado Júpiter subiu a árvore abraçando o tronco com os braços e joelhos e carregando o escaravelho. Subiu até uns dezoito ou vinte metros do chão.

– Para onde devo ir agora, senhor Will? – perguntou Júpiter.

– Siga pelo galho maior, aquele deste lado.

– Oh, meu Deus! O que é isso aqui na árvore? É um crânio! Alguém deixou a cabeça de um homem aqui em cima da árvore. Os corvos devoraram toda a carne.

- Júpiter, faça exatamente como eu digo... está ouvindo?
- Sim, senhor.
- Preste atenção, então! Encontre o olho esquerdo do crânio. Assim que achar, desça o escaravelho pela corda e desça da árvore.

Legrand cravou uma estaca com grande precisão no chão. Exatamente no local onde o escaravelho caiu. Então, tirou do bolso uma fita métrica. Fixou uma das pontas no tronco da árvore e uma segunda estaca foi cravada. Em torno desta desenhou um círculo de cerca de um metro e meio de diâmetro. Legrand pediu que começássemos a cavar o mais rápido possível. Fiquei profundamente irritado e perplexo, mas, por fim, decidi fazer da necessidade uma virtude: cavar com boa vontade para provar que ele estava errado.

Acendemos a lanterna, e começamos a cavar. Passaram-se duas horas e não conversávamos. Os latidos do cachorro demonstravam extremo interesse em nossos trabalhos. Tínhamos atingido uma profundidade de um metro e meio. Não encontramos nada. Legrand, visivelmente desconcertado, enxugou a testa pensativamente e recomeçou. Ampliamos o limite e a profundidade. Encontramos então dois esqueletos completos, misturados com vários botões de metal, uma grande faca espanhola e três ou quatro moedas soltas de ouro e prata vieram à luz.

Júpiter estava muito contente, mas o semblante de Legrand demonstrava extrema decepção. Continuamos a cavar por mais dez minutos, quando desenterramos um baú retangular de um metro de comprimento, um metro de largura e setenta e cinco centímetros de profundidade. Estava firmemente presa por faixas de ferro, que formavam uma espécie de treliça sobre toda a sua extensão. Em cada lado do baú, perto do topo, havia três anéis de ferro — seis ao todo — que permitiam que seis pessoas o segurassem firmemente. Logo percebemos a impossibilidade de remover um peso tão grande. Felizmente, a tampa era presa apenas por dois ferrolhos deslizantes. Então abrimos o baú.

Num instante, um tesouro de valor incalculável reluzia diante de nós. Os raios das lanternas refletiram em ouro e joias, ofuscando completamente nossos olhos. Legrand estava exausto de emoção e pouco falou. Júpiter parecia estupefato, quando disse:

– Tudo isso veio daquele bichinho? Que vergonha de mim mesmo!

Tive que convencer que precisávamos remover o tesouro. Estava ficando tarde. Removemos dois terços do seu conteúdo, escondendo entre os arbustos. Deixamos o cachorro para proteger o que deixamos. Voltamos para casa com o baú. Já era uma hora da madrugada. Estávamos exaustos. Descansamos até as duas e jantamos. Depois, voltamos com três sacos. Pouco antes das quatro, chegamos à cova, dividimos o restante do saque entre nós. Voltamos para a cabana, onde, pela segunda vez, depositamos nossos fardos de ouro. Já amanhecia naquele momento.

Estávamos completamente exaustos, mas tão ansiosos que não conseguíamos dormir. Após um sono inquieto de três ou quatro horas, levantamos para buscar o restante do tesouro. O baú estava cheio até a borda. Passamos o dia inteiro e boa parte da noite seguinte, examinando seu conteúdo. Começamos a contabilizar o que encontramos e descobrimos que possuíamos uma riqueza ainda maior do que havíamos imaginado inicialmente.

Em moedas, havia um pouco mais de quatrocentos e cinquenta mil dólares. Não havia um único grão de prata. Tudo era ouro antigo e de grande variedade: moedas francesas, espanholas e alemãs, com algumas guinéus inglesas e algumas outras que nunca vimos antes. Havia várias moedas muito grandes e pesadas, tão desgastadas que não conseguíamos decifrar suas inscrições. Não havia dinheiro americano.

O valor das joias foi mais difícil de saber. Havia belíssimos cento e dez diamantes, dezoito rubis, trezentas e dez esmeraldas, vinte e uma safiras e opala. Além disso, havia uma vasta quantidade de ornamentos de ouro maciço.

Encontramos quase duzentos anéis e brincos, trinta correntes, oitenta e três crucifixos, cinco incensários de ouro, uma poncheira de ouro ornamentada com folhas de videira, dois cabos de espada primorosamente trabalhados, cento e noventa e sete magníficos relógios de ouro ricamente adornados e outros objetos menores. Estimamos que o conteúdo do baú seria avaliado em algo tem torno de um milhão e meio de dólares.

Quando, finalmente, concluímos o levantamento do conteúdo do baú, Legrand percebeu minha curiosidade e resolveu nos contar a história de como chegou até o tesouro. Então ele disse:

– Você se lembra da noite em que lhe entreguei o esboço que havia feito do escaravelho? Desenhei em um pergaminho muito fino e sujo. Enquanto eu o amassava, vi a figura de uma caveira exatamente onde eu havia feito o desenho do besouro. Peguei uma vela e, ao me sentar na outra extremidade da sala, examinei o pergaminho mais de perto. Lembro que não havia nenhum desenho no pergaminho quando fiz meu esboço do escaravelho. Tinha absoluta certeza disso, pois me lembro de ter virado primeiro um lado e depois o outro, em busca do ponto mais limpo. Se o crânio estivesse lá, é claro que eu não teria deixado de notá-lo. Depois que você se foi e Júpiter adormeceu, continuei a investigar o papel. Em primeiro lugar, considerei a maneira como encontrei o pergaminho. Descobrimos o escaravelho na costa do continente. Ao pegá-lo, ele me deu uma mordida que me fez soltá-lo. Júpiter procurou ao redor uma folha ou algo semelhante para segurar o inseto. Foi nesse momento que ele encontrou o papel meio enterrado na areia, com uma ponta para fora. Perto do local onde o encontramos, observei os restos do casco do que parecia ser um bote de navio. O naufrágio parecia estar ali há muito tempo. Júpiter pegou o pergaminho, embrulhou o besouro nele e me entregou. Logo depois, fomos para casa e, no caminho, encontramos o Tenente G., que implorou para levá-lo ao forte. Ele levou o inseto sem o pergaminho em que estava embrulhado.

Então ele continuou:

– Daí é claro que eu já havia feito a conexão entre o barco, o pergaminho e a caveira. Naquela noite, lembra de ter acariciado o cachorro e quase ter se queimado perto da lareira? Provavelmente o calor deve ter revelado no desenho do pergaminho aquela caveira. Você bem sabe que existem preparações químicas, que tornam os caracteres visíveis apenas quando submetidos à ação do fogo. Examinei cuidadosamente a caveira, ficando claro que a ação do calor tinha sido desigual, uma vez que sua cor não era uniforme. Então, acendi uma fogueira e submeti o pergaminho ao calor novamente. Assim, foi possível observar melhor o formato da caveira e um cabrito no canto do pergaminho. Talvez já tenha ouvido falar do Capitão Kidd, a sua assinatura hieroglífica é justamente um cabrito. Mas fiquei profundamente incomodado com a ausência de todo restante do texto. De qualquer forma, você já deve ter ouvido sobre as muitas histórias que circulam sobre dinheiro enterrado em algum lugar da costa atlântica por Kidd e seus comparsas. As riquezas de Kidd eram imensas. Presumi, portanto, que aquele pergaminho poderia ser um mapa para o tesouro do Capitão Kidd. Então, mais uma vez, aproximei o pergaminho do fogo, mas nada apareceu. Pensei então que a camada de sujeira pudesse ter atrapalhado o processo. Então, enxaguei o pergaminho com água morna. Depois de poucos minutos, retirei o pergaminho e encontrei um texto codificado:

53†††305))6*;4826)4†.)4†);80
6*;48†8¶60))85;1†(:;†*8†83(88)
5*†;46(;88*96*?;8)*†(;485);5*†
2:*†(;4956*2(5*-4)8¶8*;40692
85);)6†8)4††;1(†9;48081;8:8†1
;48†85;4)485†528806*81(†9;48
;(88;4(†?34;48)4†;161;:188;†?;

– Logo percebi que se tratava de um texto criptografado. Assim, a solução não é de modo algum tão difícil quanto se poderia imaginar à primeira vista. Já resolvi outros enigmas mais complexos. Dado o local em que foi encontrado, presumi que a criptografia fosse em inglês. Você observa que não há divisões entre as palavras. Se houvesse divisões, a tarefa teria sido comparativamente fácil. Como não havia divisão, meu primeiro passo foi determinar as letras predominantes, bem como as menos frequentes. Contando todas, construí uma lista:

O algarismo 8 ocorre 33 vezes
O sinal ; ocorre 26 vezes
O algarismo 4 ocorre 19 vezes
O sinal % ocorre 16 vezes
O sinal) ocorre 16 vezes
O sinal * ocorre 13 vezes
O algarismo 5 ocorre 12 vezes
O algarismo 6 ocorre 11 vezes
O sinal (ocorre 10 vezes
O sinal + ocorre 8 vezes
O algarismo 1 ocorre 8 vezes
O algarismo 0 ocorre 6 vezes
O algarismo 9 ocorre 5 vezes
O algarismo 2 ocorre 5 vezes
O sinal : ocorre 4 vezes
O algarismo 3 ocorre 4 vezes
O sinal ? ocorre 3 vezes
O sinal & ocorre 2 vezes
O sinal - ocorre 1 vez
O sinal . ocorre 1 vez

– Em inglês, a letra que ocorre com mais frequência é a “e”, depois disso, a sucessão é a seguinte: aoidhnrstuyfcglmwbpqxz. Assim, comparando a frequência com que as letras mais aparecem no idioma inglês e comparando com a frequência das letras do pergaminho, pude verificar que:



5 representa a
+ representa d
8 representa e
3 representa g
4 representa h
6 representa i
* representa n
% representa o
(representa r
; representa t
? representa u

– Assim, traduzindo o texto encontrado no pergaminho observei o seguinte texto:

“Um bom espelho na hospedaria do bispo no assento do diabo
quarenta e um graus e treze minutos a nordeste e pelo galho
principal sétimo ramo lado leste disparo no olho esquerdo da
caveira uma linha reta da árvore através do tiro a cinquenta pés de
distância.”

– Então, comecei minhas investigações buscando a hospedaria do bispo. Depois de muitas conversas com moradores da ilha, uma das mulheres mais idosas disse que conhecia um lugar chamado Castelo de Bessop, que era o nome de uma rocha alta. Fomos ao local, escalei até o topo e, então, fiquei bastante perdido quanto ao que deveria fazer em seguida. Enquanto investigava o lugar, percebi um nicho no penhasco que parecia o encosto de uma cadeira. Deduzi que ali estava o "assento do diabo" mencionado no manuscrito. Acho que agora eu tinha compreendido todo o segredo do enigma, porque o bom vidro, só poderia se referir a uma luneta usada por piratas. Os “quarenta e um graus e treze minutos” deveriam indicar a posição em que a luneta deveria ser usada com o auxílio de uma bússola. Assim, com o auxílio de uma luneta consegui ver aquela grande árvore que encontramos. E logo acima dela, um ponto branco, que se tratava de um crânio humano. Assim, a frase “galho principal, sétimo ramo, lado leste” só poderia se referir à posição do crânio na árvore, enquanto “disparo do olho esquerdo da caveira” deveria se referir à busca por um tesouro enterrado. Pelo trecho “uma linha reta da árvore através do tiro a cinquenta pés de distância”, percebi que o plano deveria ser soltar uma bala do olho esquerdo do crânio, e no local onde a bala caiu deveria ser traçado um círculo de cinquenta pés de diâmetro, que indicaria o local do tesouro. Assim, creio que você esteja tão familiarizado com o resto da aventura quanto eu.

– Mas por que insistiu em usar o escaravelho para deixar cair do olho esquerdo do crânio, ao invés de uma bala? – perguntei.

– Isso foi só para azucrinar Júpiter – Sr. Legrand riu.

– Mas ainda há um ponto que me intriga. De quem eram os esqueletos encontrados no buraco?

– Essa é uma pergunta que apenas o Capitão Kidd poderia responder.

FIM

A CARTA

ROUBADA



A CARTA ROUBADA

Em Paris, em uma noite logo após uma tempestade de outono, eu desfrutava da companhia do meu amigo Auguste Dupin, em seu escritório improvisado em uma pequena biblioteca nos fundos de um apartamento no terceiro andar, na Rua Dunôt, número 33, no bairro de Faubourg St. Germain em Paris.

Já estávamos em silêncio há uma hora. Qualquer um que nos observasse poderia pensar que estávamos ocupados vendo a fumaça flutuando pelo cômodo. Mas eu relembrava de certos detalhes sobre alguns casos que discutimos naquela noite. Refiro-me aos assassinatos da Rua Morgue e ao mistério que envolvia a morte de Marie Rogêt.

Assim, foi uma grande coincidência quando um velho conhecido nosso, o Sr. G, Prefeito da Polícia Parisiense entrou no apartamento. Estávamos sentados no escuro e Dupin levantou-se então com a intenção de acender uma lâmpada. Mas sentou-se novamente, ao ouvir o Sr. G. dizer que viera para nos consultar, ou melhor, para pedir a opinião do meu amigo, sobre um assunto oficial que lhe causara muitos problemas.

Então Dupin disse:– Se for necessária uma reflexão, faremos isso melhor no escuro.

– Essa é mais uma das suas ideias estranhas – disse o Prefeito.

– Isso é verdade – disse Dupin, enquanto oferecia um cachimbo ao visitante e puxava uma poltrona confortável em sua direção.

– O que houve agora? – perguntei – Nada mais relacionado a assassinatos, espero!

– Não, nada disso. Na verdade, o problema é simples, e não tenho dúvidas que podemos resolver muito bem por conta própria. Mas pensei que Dupin gostaria de saber os detalhes, porque a situação é peculiar.

– Simples e peculiar – disse Dupin.

– Sim. Mas não exatamente isso. A verdade é que todos nós ficamos bastante perplexos, porque a questão é tão simples, mas ainda assim estamos confusos.

– Talvez seja justamente a simplicidade do caso que o torne difícil – disse Dupin.

– Que bobagem você está falando! – respondeu o Prefeito, rindo.

– Talvez a resolução do mistério seja óbvio demais – disse Dupin.

– Céus! Que ideia é essa? Ha! Ha! Há – riu nosso visitante – Dupin, você ainda vai me matar de rir!

– Mas afinal, o que aconteceu? – perguntei.

– Vou tentar ser breve, mas, permita-me avisá-los que este é um assunto que exige o máximo sigilo, e que eu provavelmente serei demitido se souberem que revelei o caso a alguém.

- Prossiga – eu disse.
- Ou não – disse Dupin.
- Pois bem, sua dona viu o roubo, mas, é claro, não ousou chamar a atenção, pois a terceira pessoa estava ao seu lado. O ministro se retirou, roubando a carta e deixando a que levou sobre a mesa. O poder do conteúdo da carta tem sido aplicado para fins políticos de forma muito perigosa. A pessoa roubada sabe da necessidade de reaver sua carta. Mas isso, é claro que não pode ser feito abertamente. Assim, desesperada, a dona da carta me procurou para resolver este assunto. Recebi informações de uma fonte muito importante, de que um certo documento de suma importância foi furtado dos aposentos reais. O indivíduo que furtou foi visto levando o documento embora. Sabemos também que o documento ainda está em sua posse.
- Como sabe disso? – perguntou Dupin.
- Deduzimos pela natureza do documento.
- O senhor pode ser um pouco mais claro? – perguntei.
- O documento roubado confere poder àquele que roubou – afirmou o Prefeito.
- Ainda não entendi – disse Dupin.
- O documento pode colocar em questão a honra de uma pessoa de posição bastante elevada, especialmente se for entregue a uma terceira pessoa, que vou manter no anonimato.
- Mas essa questão depende do conhecimento que o ladrão tem do documento – interrompi.
- Suspeitamos que o ladrão seja o ministro D. – disse o Prefeito – O documento em questão era uma carta. A pessoa roubada estava sozinha no salão de beleza privativo real. Enquanto lia a carta, ela foi interrompida pela entrada de uma outra pessoa ilustre de quem ela desejava esconder a carta. Após uma tentativa apressada e de guardá-la em uma gaveta, ela foi obrigada a colocá-la, aberta, sobre uma mesa. No entanto, o endereço estava em destaque e, com o conteúdo oculto, a carta passou despercebida.

Então, o Prefeito continuou:

– Nesse momento, entrou o ministro D. Seu olhar aguçado imediatamente notou a carta. Provavelmente reconheceu a caligrafia do endereço e observou a confusão da pessoa a quem se dirigia. Após uma breve conversa, ele apresenta uma outra carta, semelhante à primeira. Abre-a, finge lê-la e depois a coloca bem ao lado da outra. Depois de uns quinze minutos, ao se despedir, ele leva a carta à qual não tinha direito.

– É claro que a carta ainda está com o ministro, uma vez que ele ainda não a usou. É isso que confere poder a ele. Se usada, seu poder será perdido – eu disse .

– Verdade – disse o prefeito – Minha primeira ideia foi fazer uma busca minuciosa no hotel onde o ministro está hospedado, mas sem o seu conhecimento.

– Mas – eu disse – você já está bastante familiarizado com este tipo de investigação.

– Ah, sim. Foi por isso que não me preocupei. Os hábitos do ministro também me deram uma grande vantagem. Ele frequentemente passa a noite fora de casa. Ele tem poucos criados que dormem longe dos seus aposentos. A maioria de seus criados são napolitanos, e vivem embriagados. Tenho chaves-mestra, como sabe, que abrem qualquer quarto em Paris. Durante três meses, não houve uma única noite em que eu não estivesse pessoalmente envolvido em revirar o hotel. Minha honra está em jogo e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. Portanto, não irei abandonar a busca até ter plena certeza de que o ladrão seja mais astuto do que eu. Imagino ter investigado cada canto do hotel.

– Mas o ministro não poderia esconder a carta em outro lugar? – sugeri.

– Isso é praticamente impossível – disse Dupin – Se a carta estivesse em outro local não seria possível destruí-la caso fosse necessário.

– Faz sentido – observei – o documento deve estar mesmo no hotel.

- O ministro também foi emboscado duas vezes de surpresa e foi revistado rigorosamente sob a minha inspeção – disse o Prefeito .
- Você poderia ter evitado essa situação – disse Dupin – Creio que o ministro deva ter previsto que ele seria revistado. Investigamos tudo minuciosamente: cada canto do prédio, cada cômodo, cada móvel. Abrimos todas as gavetas; inclusive as secretas. As almofadas foram sondadas com as agulhas finas e compridas. Das mesas e camas, verificamos até se os pés não haviam sido escavados.
- As cavidades em móveis não podem ser detectadas por alguma técnica de sondagem? – perguntei.
- Não se preencherem o espaço ao redor da carta com uma quantidade suficiente de algodão.
- Mas se você não desmontou todos os móveis, como pode garantir que não esteja dentro de algum móvel?
- Tentamos fazer o nosso melhor. Examinamos as superfícies de todos os móveis com a ajuda de um potente microscópio. Qualquer falha de colagem ou folga nas emendas teriam sido detectadas.
- Presumo que você tenha olhado espelhos, tábuas, pratos, camas, roupas de cama, cortinas e tapetes.
- É claro! Quando concluímos com o mobiliário, passamos a examinar a própria casa. Dividimos e numeramos toda a sua superfície para que nenhuma fosse esquecida. Examinamos cada centímetro quadrado da propriedade, incluindo as duas casas imediatamente adjacentes, com o uso do microscópio.
- Meu Deus! Duas casas adjacentes – exclamei – vocês devem ter tido muito trabalho!
- Tivemos sim. Mas a recompensa oferecida é alta.
- Você incluiu o terreno ao redor das casas?
- Todo o terreno ao redor é pavimentado com tijolos. Houve poucos problemas, pois examinamos o musgo entre os tijolos e constatamos que os pavimentos estavam intactos.
- Você procurou entre na biblioteca do ministro D., correto?

– Sim. Vimos todos os livros, folheamos cada página. Medimos também a espessura de cada capa e analisamos ao microscópio. Procuramos encadernações recentes. Abrimos também todos pacotes e encomendas.

– Você explorou os tapetes?

– Sem dúvida. Removemos todos os tapetes e examinamos as tábuas com o microscópio.

– E o papel de parede?

– Sim.

– Você olhou nos porões?

– Sim.

– Então – eu disse – a carta não está na residência do ministro D. como imaginava.

– Receio que você esteja certo – disse o Prefeito – E agora, Dupin, o que você me aconselha a fazer?

– Faça uma nova busca no local.

– Isso é desnecessário – respondeu o Prefeito – Tenho certeza de que a carta não está no hotel.

– Não tenho conselho melhor para lhe dar – disse Dupin – Você tem uma descrição precisa da carta?

– Ah, sim! – então o Prefeito tirou um caderno de anotações do bolso e começou a ler em voz alta um relato minucioso do aspecto interno e, principalmente, externo do documento desaparecido. Logo após terminar a leitura, o prefeito se retirou, visivelmente abatido.

Cerca de um mês depois, o Prefeito nos fez outra visita.

– Sr. Prefeito, alguma novidade sobre a carta roubada? Presumo que você ainda acredite que o ministro seja culpado?

– Que ele se dane – disse o prefeito – fiz uma nova busca no hotel como Dupin sugeriu, mas foi um trabalho perdido.

– Qual era o valor da recompensa oferecida? – perguntou Dupin.

– Uma quantia enorme. Nem gosto de dizer exatamente quanto. Mas uma coisa eu digo...

O Prefeito continuou depois de um leve suspense:

– Não me importaria de dar meu cheque de cinquenta mil francos a quem conseguisse me devolver essa carta. O fato é que ela está se tornando cada vez mais importante. A recompensa foi dobrada recentemente. Mesmo que fosse triplicada, eu não poderia fazer mais do que já fiz.

– Sim, claro – disse Dupin – mas eu ainda acho que você poderia se esforçar um pouco mais, não é?

– Como? De que maneira?

– Você poderia contratar um advogado para lidar com a situação. Você não se lembra da história de Abernethy?

– Não me lembro.

– Certa vez, um rico avarento concebeu o plano de se aproveitar desse Abernethy para obter uma opinião médica. Para isso, iniciou uma conversa e solicitou ao médico a opinião sobre o tratamento de um indivíduo imaginário. Abernethy responde que ele deveria apenas aceitar conselhos.

– Mas eu estou disposto a aceitar conselhos e a pagar por eles – disse o Prefeito – eu daria cinquenta mil francos a qualquer um que me ajudasse nesse caso.

– Então, pode preencher um cheque para mim no valor mencionado. Assim que o assinar, entregarei a carta – respondeu Dupin.

Fiquei estupefato. O prefeito parecia atônito. Permaneceu calado e imóvel por um tempo. Olhava incrédulo para meu amigo com a boca aberta e os olhos arregalados. Então, pegou uma caneta, preencheu e assinou um cheque de cinquenta mil francos, e o entregou a Dupin do outro lado da mesa.

Dupin examinou o cheque e guardou em sua carteira. Em seguida, destrancou uma escrivaninha, pegou uma carta e a entregou ao Prefeito. Ele leu a carta e então foi embora sem proferir uma única palavra.

Após sua saída, Dupin começou a dar algumas explicações.

– A polícia parisiense é competente à sua maneira. São perseverantes, engenhosos, astutos e estudados nos conhecimentos que suas funções exigem. Assim, quando o prefeito detalhou para nós seu método de busca nas instalações do Hotel D., senti total confiança de que ele havia feito uma investigação satisfatória. Se a carta tivesse sido depositada onde foi realizada a busca, eles teriam encontrado o documento. Mas a Polícia erra por realizar uma busca muito profunda ou muito superficial, faltando raciocínio. Eu conheci menino de uns oito anos de idade, cujo sucesso era adivinhar em um jogo de par ou ímpar com bolinhas de gude. Um jogador segura esconde nas mãos várias dessas bolinhas, enquanto o outro tenta adivinhar se o número de bolinhas escondido é par ou ímpar. Se o palpite estiver certo, o jogador que adivinhou ganha uma bolinha; se estiver errado, perde uma. O menino a quem me refiro ganhou todas as bolinhas de gude da escola. É claro que ele tinha algum princípio para a adivinhação. Seu dom residia na observação de seus oponentes. Por exemplo, se o oponente for um completo idiota, ele ergue a mão fechada, pergunta: “é par ou ímpar?” Aí o menino responde “ímpar” e perde; mas, na segunda tentativa, ele ganha, pois pensa: “Ele escolheu par na primeira tentativa, então deve jogar ímpar na segunda. Portanto, vou chutar ímpar”. E então ele chuta ímpar e ganha. Ora, se fosse um oponente um pouco mais esperto que o primeiro, ele teria raciocinado assim: “Na primeira tentativa eu chutei ímpar e perdi. Então, na segunda, ele vai escolher par. Mas então, ele vai perceber que essa variação é muito simples e então decidirá colocar par como antes. Portanto, vou chutar par”. Então, ele chuta par e ganha. Agora, como podemos chamar esse modo de raciocínio do aluno?

– É uma análise do intelecto do seu oponente – eu disse.

– Isso mesmo – disse Dupin – e ao perguntar ao rapaz a que ele atribuía seu sucesso, recebi a seguinte resposta: “Quando quero descobrir se alguém é estúpido ou esperto, basta observar suas expressões faciais”.

– O Prefeito e sua comitiva falham por não analisar as reações das pessoas. Durante a busca, eles se preocuparam apenas com seus próprios métodos. Partiram do princípio que todos os homens escondem uma carta em algum buraco ou canto escondido, o que seria feito apenas por pessoas de intelecto comum. Assim, sua derrota reside no pensamento errôneo de que o Ministro é um tolo, porque ficou famoso como poeta.

– Mas devemos lembrar que o Ministro escreveu uma publicação sobre cálculo diferencial. Ele é matemático e não poeta – comentei.

– Você também está enganado. Eu o conheço bem. Ele é ambos. Como poeta e matemático, ele raciocina muito bem.

– Você tem razão – eu disse – mas vejo que você tem algum tipo de problemas com os matemáticos.

– Discordo de certa forma de alguns. A Matemática é uma ciência da forma e da quantidade. O raciocínio matemático é meramente a lógica aplicada à observação da forma e da quantidade. É um grande erro supor que as verdades matemáticas estejam sempre corretas. Há inúmeras verdades matemáticas que são verdades apenas dentro do seu âmbito. Eu conheço o ministro como matemático e poeta. Mas também o conheço como cortesão intrigante e audacioso. Um homem conhece a ação policial. Ele antecipou tudo o que ocorreria. Ele previu as investigações secretas em suas instalações. Suas ausências em sua casa à noite foram artimanhas que deram oportunidade para polícia realizar uma busca minuciosa no Hotel e, assim, convencer a todos que a carta não estava lá. Você se lembra de como o Prefeito riu quando sugeri, em nossa primeira entrevista, que era bem possível que esse mistério fosse muito óbvio?

– Sim – eu disse.

– Existe um jogo em que um dos participantes desafia que o outro encontre uma palavra em um mapa. Pode ser o nome de uma cidade, rio ou estado. Um novato geralmente escolhe nomes com letras minúsculas no mapa.

Então, Dupin continuou:

– Mas, um experiente escolhe palavras com caracteres grandes que vão de uma extremidade do mapa à outra. Da mesma forma, o prefeito nunca considerou que o Ministro tivesse depositado a carta bem debaixo do nariz de todos.

– Mas como obteve a carta? – perguntei.

– Fui ao Hotel em uma bela manhã. Encontrei o ministro em casa bocejando, fingindo estar entediado. Prestei atenção especialmente em uma grande escrivaninha perto da qual ele estava sentado.

– Prossiga – eu disse.

– Naquela escrivaninha havia algumas cartas, papéis diversos, instrumentos musicais e alguns livros. Não vi nada suspeito. Após percorrer o cômodo com o olhar, vi um porta-cartões de papelão. Nele havia três ou quatro compartimentos com cinco ou seis cartões de visita e uma carta solitária. Esta última estava suja e amassada, quase rasgada ao meio. Tinha um grande selo preto e um monograma do ministro. Assim que lancei um olhar sobre esta carta, concluí que era aquela que eu procurava. Aparentemente era completamente diferente daquela descrita pelo Prefeito. Havia um selo grande e preto, o monograma pequeno e vermelho do ministro, o brasão da família e o endereço ao Ministro, que tinha uma escrita diminuta e feminina. A diferença entre as cartas era excessiva. A sujeira e rasgado do papel, eram inconsistentes com os hábitos metódicos do ministro. Assim, eram sugestivos de possuírem a intenção de iludir o observador, levando a crer na inutilidade do documento. Esses achados, juntamente com a localização extremamente visível do documento, à vista de todos os visitantes, sugeriam fortemente de que aquela era a carta procurada. Prolonguei minha conversa com o ministro enquanto mantinha a minha atenção totalmente voltada para a carta. Memorizei sua aparência externa e sua disposição no suporte. Ao observar as bordas do papel, verifiquei que estavam mais desgastadas do que o esperado.

Dupin ainda prosseguiu:

– Tinham um aspecto rasgado que parecia ter sido feito por dobras feitas nos dois lados. Essa descoberta foi suficiente. Ficou claro para mim que a carta tinha sido dobrada, como uma luva, do avesso. Dei bom dia ao Ministro e fui embora, deixando uma caixa de rapé de ouro sobre a mesa. Na manhã seguinte, fui buscar a caixa de rapé. Enquanto conversávamos, houve um estrondo alto, como se fosse um tiro de pistola, logo abaixo das janelas do hotel, seguido por uma série de gritos apavorantes e os berros de uma multidão aterrorizada. O ministro correu para janela. Enquanto isso, eu fui até o porta-cartões, peguei a carta e coloquei-a no bolso.

– E então... – eu disse.

– Troquei o documento por uma réplica que eu havia preparado cuidadosamente em minha hospedagem, imitando o monograma do ministro com muita facilidade, por meio de um selo feito de pão. A confusão na rua foi por um homem que trabalhava por mim. Ele disparou uma arma sem balas contra uma multidão de mulheres e crianças, fingindo ser louco.

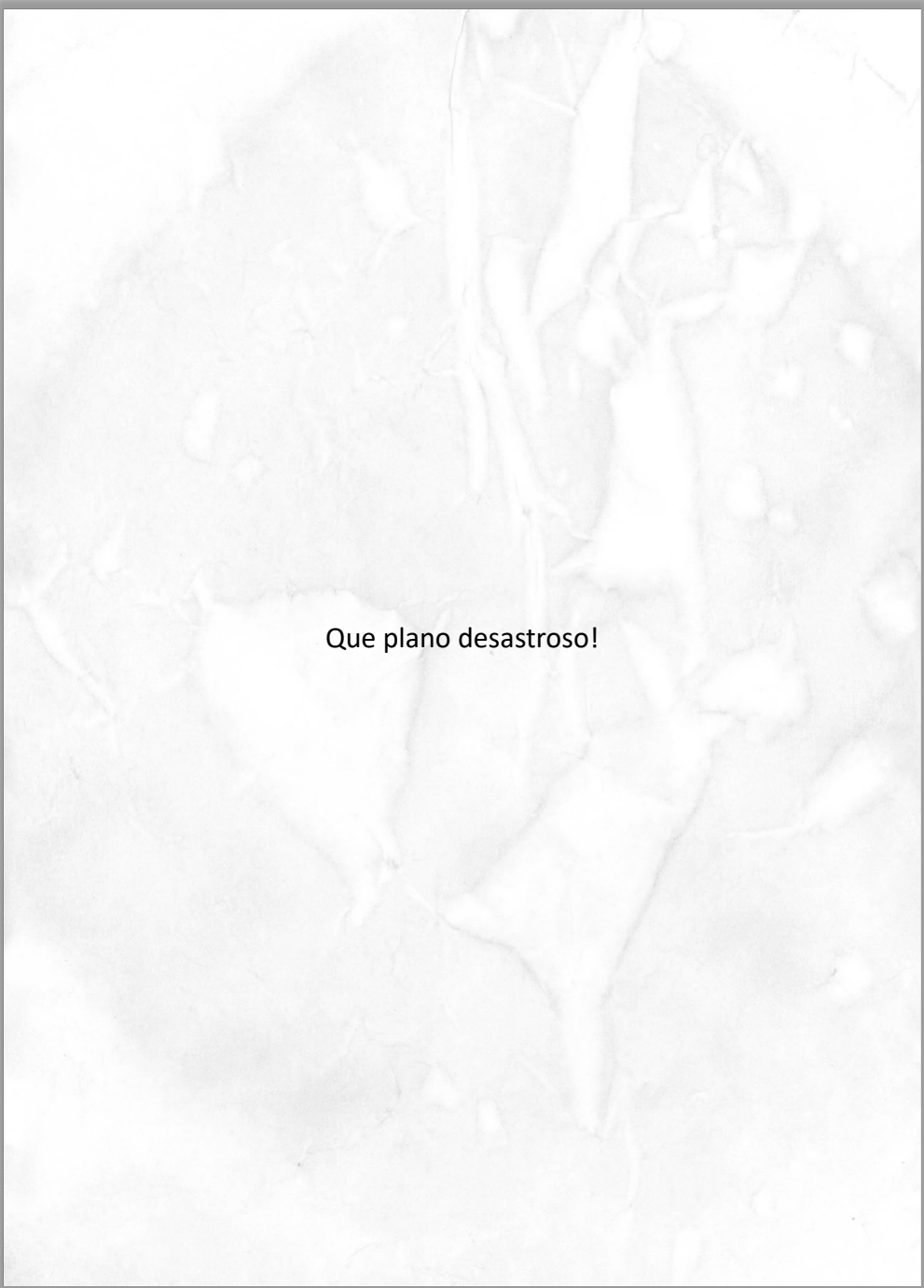
– Mas porque substituir a carta por uma réplica? Não teria sido melhor pegar a carta e ir embora?

– O ministro é um homem esperto. Seu hotel está cheio de funcionários seus. Se eu tivesse roubado a carta, talvez eu nunca saísse vivo do hotel. Durante dezoito meses, o Ministro teve a carta em seu poder. Agora a carta tem poder sobre ele, já que, desconhecendo que a carta não está mais em sua posse, ele prosseguirá com suas exigências como se estivesse. Assim, ele inevitavelmente será condenado à destruição política. Sua queda será inevitável.

– E você colocou alguma coisa dentro da carta?

– Ora, não me pareceu totalmente correto deixar um papel em branco. Isso teria sido um insulto. Eu sabia que ele sentiria alguma curiosidade em relação à identidade da pessoa que o havia enganado.

Então, achei uma pena não lhe dar uma pista. Ele conhece muito bem a minha letra. Então, eu simplesmente escrevi as seguintes palavras no meio da folha em branco:



Que plano desastroso!

TU ÉS O
HOMEM



TU ÉS O HOMEM

Eis aqui uma explicação de como ocorreu a resolução do enigma de Rattleborough. Um verdadeiro milagre que pôs fim a um problema que tanto incomodava os habitantes de Rattleborough, inclusive os mais céticos. O acontecimento, que lamento apresentar, ocorreu em um verão do século XVII. O Sr. Barnabas Shuttleworthy, um dos cidadãos mais ricos e respeitáveis do distrito, havia desaparecido há vários dias em circunstâncias que levantaram suspeitas de um crime.

Ele partiu logo cedo de Rattleborough numa manhã de sábado. Estava a cavalo indo para uma cidade próxima, a cerca de 24 quilômetros de distância.

Ele iria retornar na mesma noite. Entretanto, duas horas após sua partida, seu cavalo retornou sem ele e sem as duas bolsas que foram colocadas em suas costas na partida. O animal também estava ferido e coberto de lama. Essas circunstâncias causaram grande alarme entre seus amigos.

O fato foi descoberto na manhã de um domingo, quando todo o distrito se mobilizou para procurá-lo. A busca foi comandada pelo Sr. Charles Goodfellow, um amigo próximo do desaparecido. Ele é um sujeito simpático, viril, honesto, bem-humorado e franco, com uma bela voz, muito agradável de se ouvir e com um olhar que sempre encarava diretamente, como que dizendo: “Tenho a consciência limpa, não temo ninguém e estou totalmente acima de qualquer maldade”.

Quando se mudou para a cidade, o Sr. Goodfellow conhecia ninguém. Mas seis meses depois já conhecia todos na cidade. Não teve a menor dificuldade em fazer amizade com as pessoas respeitáveis do seu bairro. Ele era uma pessoa de respeito e credibilidade, inclusive entre as mulheres. Tudo isso devido àquele rosto ingênuo que, sinceramente, é a sua “melhor carta de recomendação”.

O Sr. Shuttleworthy era um dos homens mais respeitáveis e, sem dúvida, o mais rico de Rattleborough; e o Sr. Goodfellow era como se fosse seu próprio irmão. Eles eram vizinhos, e se viam umas três ou quatro vezes por dia para um café da manhã, um chá da tarde ou para o jantar. Bebiam vinho em uma quantidade difícil de saber. A bebida favorita do Sr. Goodfellow era o Château-Margaux, que parecia ser muito bom ao coração do Sr. Shuttleworthy.

Então, num domingo, após várias garrafas de vinho, o Sr. Shuttleworthy disse ao seu camarada, enquanto lhe dava um tapinha nas costas:

– Quer saber? Você é, sem dúvida, o sujeito mais corajoso que já conheci em toda a minha vida. Já que você gosta de beber vinho, eu vou ter que te dar de presente uma caixa grande do Château-Margaux. Eu vou mandar um pedido à cidade hoje mesmo.

Então, continuou:

– Vou mandar uma caixa dupla do melhor que existe. Vou te dar de presente! Chegará em breve em suas mãos, quando você menos estiver esperando!

Essa foi apenas uma pequena demonstração da generosidade por parte do Sr. Shuttleworthy, para mostrar a vocês a profunda amizade que existia entre os dois.

Naquele domingo de manhã, quando se tornou evidente que o Sr. Shuttleworthy havia sido vítima de um crime, nunca vi ninguém tão profundamente afetado quanto o Sr. Goodfellow. Quando ele soube que o cavalo havia voltado para casa sem o dono, sem as bolsas e todo ensanguentado por um tiro de pistola que atravessou o peito do pobre animal sem matá-lo, ele empalideceu como se o homem desaparecido fosse seu próprio irmão ou pai. Ele tremia como se estivesse febril.

Ele estava tão chocado que não conseguia fazer nada, nem mesmo organizar uma busca. Por isso, tentou convencer outros amigos do Sr. Shuttleworthy a não causarem alvoroço sobre o assunto, achando melhor esperar um pouco para ver se algo aconteceria, ou se o Sr. Shuttleworthy não apareceria naturalmente e explicaria os motivos de ter enviado seu cavalo antes. É normal as pessoas que passam por traumas como esse terem esse tipo de reação, perdendo a vontade de agir. O povo de Rattleborough tinha muita consideração pelo Sr. Goodfellow, e por isso concordaram em esperar por notícias. Mas essa teria sido a decisão geral, se não fosse a interferência bastante suspeita do Sr. Pennifeather, sobrinho do Sr. Shuttleworthy, um jovem de hábitos peculiares e de caráter duvidoso. Ele insistia em procurar imediatamente o "cadáver do homem assassinado", como ele mesmo dizia. Um dos presentes perguntou, de forma bastante impressionante:

– Como foi que o senhor soube de todas as circunstâncias do desaparecimento de seu tio rico? Como tem certeza que seu tio foi assassinado?

Seu comentário gerou um incômodo na multidão. E isso já ocorria nos últimos três ou quatro meses, quando o Sr. Pennifeather derrubou um amigo de seu tio por um suposto excesso de liberdade que este teria tomado na casa do seu tio, onde o sobrinho morava. Nessa ocasião, ele disse que o Sr. Goodfellow não soube se comportar.

O amigo do seu tio se levantou após o golpe, ajeitou as roupas e não fez nenhuma tentativa de retaliação. Apenas murmurou algumas palavras sobre se vingar em um momento oportuno, uma explosão de raiva natural e muito justificável que, no entanto, foi logo esquecida.

Seja como for é certo que o povo de Rattleborough, principalmente por influência do Sr. Pennifeather, finalmente chegou à conclusão de se dispersar pela região adjacente em busca do Sr. Shuttleworthy. O Sr. Goodfellow disse que era um plano imprudente, convencendo todos, exceto o Sr. Pennifeather. Mas por fim, decidiram iniciar uma busca cuidadosa e minuciosa com o próprio Sr. Goodfellow à frente.

Sr. Goodfellow era perspicaz e acostumado a guiar as pessoas às regiões mais remotas, por rotas que ninguém jamais suspeitara existirem na região. Embora a busca tenha sido incessante, dia e noite, por quase uma semana, não encontraram qualquer vestígio do Sr. Shuttleworthy.

Dias depois, encontraram marcas das ferraduras de seu cavalo, que eram muito peculiares. Assim, o corpo foi achado. O local ficava a cerca de cinco quilômetros a leste do distrito, na estrada principal que levava à cidade. Ali, os rastros se desviavam para uma trilha secundária, que atravessava um bosque e que encurtaria o percurso em cerca de oitocentos metros de volta à estrada principal.

Seguindo as pegadas encontradas, o grupo finalmente chegou à uma poça de água parada, escondida entre arbustos. Todo vestígio da trilha havia desaparecido. Parecia, no entanto, que havia ocorrido uma luta ali. Dava a impressão de que algum corpo grande e pesado havia sido arrastado do caminho secundário até a poça.

O corpo foi cuidadosamente arrastado duas vezes, mas nada foi encontrado. O grupo estava prestes a ir embora, desesperado por não encontrarem pistas, quando o Sr. Goodfellow achou conveniente drenar a água completamente. A ideia foi recebida com elogios.

Algumas pessoas levaram pás consigo, supondo que poderiam ser chamadas para desenterrar um cadáver. A drenagem foi feita com facilidade e rapidez. Assim que o fundo ficou visível, bem no meio da lama remanescente foi descoberto um colete de veludo de seda preto, que quase todos os presentes reconheceram imediatamente como pertencente ao Sr. Pennifeather.

O colete estava bastante rasgado e manchado de sangue. Várias pessoas do grupo se lembravam de tê-lo visto usando naquela manhã da partida. Outras, por sua vez, estavam prontas para testemunhar sob juramento que o Sr. Pennifeather não usou a peça em questão em nenhum momento durante aquele dia e nem após o desaparecimento do Sr. Shuttleworthy.

A situação tornou-se muito grave para o Sr. Pennifeather, pois as suspeitas recaíram sobre ele. Quando questionado sobre o que tinha a dizer em sua defesa, ele ficou pálido e se mostrou incapaz de proferir uma palavra. Diante disso, os poucos amigos que lhe restaram o abandonaram. Eles ainda clamavam por sua prisão imediata, mais que seus inimigos declarados.

O Sr. Goodfellow fez uma defesa calorosa e eloquente ao Sr. Pennifeather, que durou por mais de meia hora. Entretanto, mesmo com sua boa vontade, seu discurso aprofundou ainda mais a suspeita já existente em relação ao indivíduo que defendia da multidão. Um dos erros mais inexplicáveis foi sua alusão ao suspeito como “o herdeiro do digno e velho cavalheiro Sr. Shuttleworthy”.

O povo nunca havia pensado nisso antes. Eles apenas se lembravam de certas ameaças de deserdamento proferidas um ou dois anos antes pelo tio, que ele não tinha nenhum parente vivo além do sobrinho.

Assim, a menção da herança levou a multidão ao reconsiderar esse ponto, pois seu tio o ameaçara após fazer um testamento em favor do seu deserdamento. Mas a ameaça não se concretizou. O testamento original não fora alterado. Se tivesse sido, este seria um motivo plausível para o seu assassinato.

Mesmo assim, a ideia de alterar o testamento poderia pairar ainda sobre a cabeça do sobrinho. Era assim que pensavam os ilustres cidadãos do município de Rattleborough. O Sr. Pennifeather foi, por isso, preso no local. A multidão prosseguiu de volta para casa, levando-o sob custódia. No caminho, porém, ocorreu outra circunstância que corroborou com a suspeita. O Sr. Goodfellow foi visto repentinamente correndo alguns passos para a frente, quando se abaixou e pegou um pequeno objeto da grama. Após examiná-lo rapidamente, ele tentou esconder o objeto no bolso do seu casaco.

Entretanto, essa ação foi notada. Descobriram então que o objeto apanhado era uma faca espanhola que uma dúzia de pessoas reconheceu imediatamente como pertencente ao Sr. Pennifeather. A faca ainda tinha as suas iniciais gravadas no cabo e a sua lâmina estava ensanguentada. Não restava mais dúvida que o sobrinho havia assassinado seu tio para ficar com sua herança. Assim que chegaram em Rattleborough, ele foi levado perante um magistrado para ser interrogado.

Aquí, as coisas tomaram um rumo extremamente desfavorável. O prisioneiro, ao ser questionado sobre seu paradeiro na manhã do desaparecimento do Sr. Shuttleworthy, teve a audácia de admitir que, naquela mesma manhã, estivera caçando veados com seu rifle nas imediações do lago onde o colete ensanguentado fora encontrado.

O Sr. Goodfellow, com lágrimas nos olhos, pediu permissão para ser interrogado. Disse que seu senso do dever ao seu Criador não lhe permitia mais permanecer em silêncio. Ele disse que contaria tudo o que sabia, mesmo que seu coração se despedaçasse completamente nesse esforço.

Ele então prosseguiu afirmando que, na tarde do dia anterior à partida do Sr. Shuttleworthy para a cidade, ele presenciou o tio mencionando ao seu sobrinho que seu objetivo ao ir à cidade no dia seguinte era depositar uma quantia excepcionalmente grande de dinheiro no “Banco dos Agricultores e Mecânicos”.

Assim, o referido Sr. Shuttleworthy havia declarado claramente ao sobrinho que iria cancelar o testamento originalmente feito e que iria lhe deixar uma parte da herança. O magistrado perguntou se o acusado confirmava o que o Sr. Goodfellow havia dito. Para grande espanto de todos os presentes, o Sr. Pennifeather confirmou que era verdade.

O magistrado imediatamente convocou dois policiais para revistar o quarto do acusado na casa de seu tio. Dessa busca, eles retornaram quase imediatamente com a conhecida carteira de couro da cor de ferrugem, encadernada em aço, que o velho cavalheiro costumava carregar consigo há anos.

Contudo, seu valioso conteúdo havia sido furtado. O magistrado tentou arrancar em vão do prisioneiro qualquer informação sobre onde o conteúdo foi escondido ou como foi usado. Ele negou qualquer conhecimento sobre o conteúdo. Os policiais também descobriram, entre a cama e o travesseiro, uma camisa e um lenço de pescoço, ambos com as iniciais de seu nome e horripelantemente manchados com o sangue.

Nesse momento, foi anunciado que o cavalo do homem assassinado acabara de falecer no estábulo em decorrência do ferimento sofrido. O Sr. Goodfellow propôs que fosse realizada imediatamente uma autópsia no animal, com o objetivo de encontrar a bala.

Assim, foi extraída uma bala de tamanho extraordinário da caixa torácica do animal. O projétil foi analisado e era perfeitamente compatível com o calibre do rifle do Sr. Pennifeather, que era muito maior do que a de qualquer outra pessoa na região ou arredores.

Para tornar a questão ainda mais conclusiva, descobriu-se que a bala apresentava uma falha perpendicular que correspondia precisamente a uma saliência em um par de moldes que o próprio acusado reconheceu como sendo de sua propriedade. Ao encontrar a bala, o juiz recusou-se a ouvir qualquer outro depoimento.

O juiz então encaminhou o prisioneiro para julgamento, recusando-se categoricamente a aceitar qualquer fiança no caso. O Sr. Goodfellow protestou contra essa severidade e se ofereceu para ser fiador. Essa generosidade ilustrava o seu caráter amável e cavalheiresco. Mas pareceu ter se esquecido completamente de que ele próprio não possuía um único dólar em bens materiais.

O Sr. Pennifeather foi levado a julgamento na sessão criminal seguinte, quando as provas foram consideradas conclusivas que o júri proferiu um veredicto imediato de “culpado de homicídio”. Logo depois, o infeliz recebeu a sentença de morte e foi encaminhado à cadeia do condado para aguardar o cumprimento da lei.

O Sr. Goodfellow se tornou ainda mais popular entre os moradores da cidade. Assim em sua própria casa, o humor e a alegria reinavam absolutos, sendo atenuados pela lembrança ocasional do destino infeliz que aguardava o sobrinho do falecido. Certo dia, ficou agradavelmente surpreso ao receber a seguinte carta:

A/C Charles Goodfellow, Rattleborough,

Prezado Senhor, em conformidade com um pedido transmitido à nossa empresa há cerca de dois meses pelo Sr. Barnabas Shuttleworthy, temos a honra de enviar esta manhã, para o seu endereço, uma caixa dupla de Château-Margaux da marca do antílope, selo violeta. Caixa numerada e marcada conforme solicitado.

Atenciosamente,
Hoggs, Frogs, Bogs, & Cia.

PS: A caixa chegará até você por carroça, no dia seguinte ao recebimento desta carta.

Desde a morte do Sr. Shuttleworthy, o Sr. Goodfellow havia perdido a expectativa de receber o prometido Château-Margaux. Assim, considerou ser um milagre. Ficou extremamente contente e convidou um grupo de amigos para um pequeno jantar no dia seguinte, com o propósito de mencionar o presente do bom e velho Sr. Shuttleworthy.

Ele refletiu bastante e decidiu não dizer para ninguém sobre o presente. Simplesmente pediu aos amigos que viessem compartilhar com ele uma taça de um vinho de qualidade excepcional, que havia sido encomendado da cidade há alguns meses. Não compreendi por que o Sr. Goodfellow chegou à conclusão de não dizer nada sobre ter recebido o vinho de seu velho amigo, mas ele deveria ter alguma boa razão.

No dia seguinte, metade da cidade estava lá. Mas, para grande irritação do anfitrião, o Château-Margaux só chegou tarde, quando o suntuoso jantar preparado pelo Sr. Goodfellow já havia sido apreciado pelos convidados. A caixa era monstruosamente grande. Ela foi colocada sobre a mesa para ser aberta.

Dito e feito. Num instante, tínhamos a caixa sobre a mesa, no meio de todas as garrafas e copos. O Sr. Goodfellow estava bastante embriagado e com o rosto extremamente vermelho. Ele se sentou na cabeceira da mesa com um ar de falsa dignidade. Então, bateu furiosamente na mesa com um decantador, pedindo aos presentes que mantivessem a ordem durante a abertura da caixa.

Após alguma agitação, o silêncio finalmente retornou por completo. Pediram que eu abrisse a tampa à força. Obedeci com imenso prazer. Inseri um cinzel e, com algumas leves batidas de martelo, a tampa da caixa se abriu repentinamente. No mesmo instante, surgiu sentado, de frente para o anfitrião, o cadáver machucado, ensanguentado e quase pútrido do próprio Sr. Shuttleworthy, assassinado. Por alguns segundos, com seus olhos decompostos e sem brilho, o cadáver fitou o rosto do Sr. Goodfellow.

Então, o cadáver pronunciou lenta e claramente de forma impressionante, as palavras:

– Tu és o homem!

Então, caindo para o lado como se estivesse completamente satisfeito, estendeu seus membros trêmulos sobre a mesa. A cena que se seguiu foi absolutamente indescritível. Houve uma grande correria em direção às portas e janelas. Muitos dos homens mais robustos presentes na sala desmaiaram em puro horror.

Mas, após o primeiro surto de pavor, todos os olhares se voltaram para o Sr. Goodfellow. Mesmo que eu viva mil anos, jamais esquecerei a agonia estampada naquele rosto. Ele permaneceu rígido como uma estátua de mármore. Seus olhos pareciam voltados para dentro, contemplando sua própria alma miserável e assassina. Por fim, sua expressão pareceu repentinamente transparecer para o mundo exterior quando, em um salto rápido, ele se levantou da cadeira e proferiu uma confissão detalhada do crime hediondo pelo qual o Sr. Pennifeather estava preso e condenado à morte.

O Sr. Goodfellow confessou que havia seguido sua vítima até as proximidades do lago. Lá, atirou em seu cavalo com um revólver. O cavaleiro foi morto com a coronha da arma. Ele se apoderou da carteira e, supondo que o cavalo estivesse morto, arrastou o cadáver com grande esforço até os arbustos perto do lago. Ele colocou o corpo do Sr. Shuttleworthy em seu próprio cavalo e o carregou até um esconderijo seguro a uma longa distância através da mata. O colete, a faca, a carteira e a bala foram todos colocados por ele mesmo onde foram encontrados, com o intuito de se vingar do Sr. Pennifeather. Ele também arquitetou a descoberta do lenço e da camisa manchados.

Ao final daquele relato arrepiante, as palavras do Sr. Goodfellow perderam o seu brilho. Então ele se levantou, sentiu uma tontura e caiu morto. Assim, o Sr. Goodfellow foi traído pelo seu próprio excesso de franqueza, confirmando minhas suspeitas. Eu vi quando o Sr. Pennifeather o agrediu.

Também vi a expressão diabólica que surgiu no rosto do Sr. Goodfellow, embora momentânea. Assim, eu o observava em uma perspectiva muito diferente dos bons cidadãos de Rattleborough. Percebi que todas as descobertas incriminatórias provinham, direta ou indiretamente, dele próprio.

Mas o fato que claramente me abriu os olhos para a verdadeira situação foi a bala encontrada pelo Sr. Goodfellow na carcaça do cavalo. Eu lembrei que existia um buraco por onde a bala entrou no cavalo e outro por onde saiu. Se a bala foi encontrada no animal, depois de ter saído, ela deve ter sido localizada por quem atirou. A camisa e o lenço ensanguentados confirmaram a ideia sugerida pela bala, pois o sangue era vermelho-escuro puro, nada mais.

Iniciei uma busca pelo cadáver do Sr. Shuttleworthy em locais distantes daqueles para onde o Sr. Goodfellow havia levado seu grupo. Após alguns dias, encontrei o cadáver no fundo de um antigo poço seco.

Por acaso, eu ouvi a conversa entre o Sr. Goodfellow e o Sr. Shuttleworthy, quando este último foi dissuadido a lhe oferecer uma caixa de Châteaux-Margaux. Assim, enfiei um pedaço rígido de barbatana de baleia pela garganta do cadáver e o coloquei numa velha caixa de vinho. Dessa forma, tive que pressionar a tampa com força para mantê-la fechada enquanto a prendia com pregos. A minha ideia era que assim que os pregos fossem removidos, a tampa voaria com o corpo para cima.

Uma vez preparada a caixa, marquei, numerei e enderecei-a conforme aconteceu. Escrevi uma carta em nome dos comerciantes de vinho com quem o Sr. Shuttleworthy negociava, instruí meu criado a levar a caixa até a porta do Sr. Goodfellow, em um carrinho de mão, a um sinal meu. As palavras ditas pelo cadáver foram ditas usando minhas habilidades de ventriloquismo.

Assim, creio que não há mais nada a explicar. O Sr. Pennifeather foi libertado imediatamente, herdou a fortuna do tio, aprendeu com a experiência, recomeçou a vida e viveu feliz para sempre.

FIM

Contos de investigação de Edgar Allan Poe apresenta adaptações das seguinte obras: “O homem da multidão” (1840), “Assassinatos da Rua Morgue” (1841), “O mistério de Marie Rogét” (1842), “O escaravelho de ouro” (1843), “A carta roubada” (1844) e “Tu és o homem” (1844). Esta coletânea faz parte do **Projeto Edgar Allan Poe para Jovens Leitores**, que possui como proposta apresentar contos do autor em uma linguagem simples e atualizada para leitores iniciantes.

